

Carlos Medina Ribeiro

JEREMIAS E O INCRÍVEL CORONEL REBOREDO

Continuação de
«Jeremias e as Incríveis Consultas do Dr. Reboredo»



Aguarda Editores

Desde que tal não seja feito com fins comerciais,
o presente trabalho **pode ser copiado ou reproduzido** sem quaisquer limitações
O autor até agradece...

0

Introdução, Apresentação, Prefácio, Justificação, etc.

Dado que estes *prolegómenos* são coisas que ninguém lê, serei, como já vai sendo hábito, rápido e conciso.

Os textos que aqui se vêem são histórias que foram publicadas na Dígito desde «O Epitáfio» (aquela que encerrou o livro «Jeremias e as Incríveis Consultas do Dr. Reboredo») até ao dia em que essa colaboração cessou.

Nessa história o autor, já farto, dava cabo de uma insuportável personagem que, pelos vistos, o andava a irritar muito para além do admissível:

O inforfóbico Dr. Reboredo.

Mas, assim como Conan Doyle *matou*, a certa altura, o seu Sherlock Holmes (e mais tarde, por exigência dos leitores, teve que o ressuscitar), nada nos garante que um dia isso não venha, também, a acontecer nestas páginas...

Portanto, o que é novidade nesta nova colectânea de histórias é o facto de as principais personagens terem mudado.

Em vez do tecnofóbico Dr. Reboredo e do seu compreensivo analista (o Dr. Tinoco), aparecem agora, em primeiro plano, o Coronel com o mesmo nome (o octogenário pai do Doutor), a D. Ana Crónica (a sua grande paixão serôdia), uma série de namoradas do Jeremias (que, de uma forma *politicamente incorrecta*, vão mudando todas as semanas) e alguns esforçados professores e professoras das escolas do nosso país.

Claro que, omnipresente, está o próprio Jeremias (até porque o livro está contado na primeira pessoa), visto se tratar de páginas do seu diário.

Curiosamente só são referidas as suas actividades extra-profissionais, dado que as outras já aparecem nos livros «Crónicas da InforFobia», «Operação JEREMIAS» e «Jeremias, Consultor».

Uma das ocupações preferidas do nosso herói (!) está relacionada com a *Internet nas Escolas* onde, com o seu amigo Coronel, tem intervenções decisivas e altamente pedagógicas como adiante se verá.

Este livro tem um estranha particularidade:
Sabe-se quando começou mas não se sabe quando (nem se, nem como...) acabará...
Já alguma vez se viu uma coisa destas?!

Carlos Medina Ribeiro
medina_ribeiro@hotmail.com

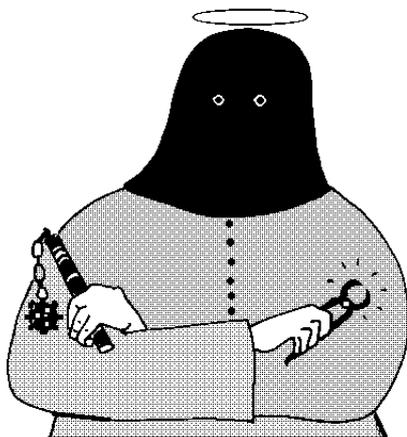
Nota de Outubro 2002:

Este livro (que pouco mais é do que um rascunho) foi refeito e actualizado na medida do possível.
Aqui se agradece ao Pedro Chichorro pelo trabalho que teve em colorir os desenhos que são do autor do texto.

Índice

| | |
|--|------------|
| Um Rio Difícil | 5 |
| O Brasileiro | 8 |
| Privacidade Preservada | 10 |
| Reais Patrocinadores | 12 |
| Quem Anda à Chuva... .. | 14 |
| O Lugar Certo | 17 |
| O Parabólico | 20 |
| Que Grande Camelo! | 23 |
| <i>de motu proprio</i> | 26 |
| Ladrão na Rede | 32 |
| A Grande Volta ao Mundo | 38 |
| Só à Porrada! | 43 |
| O Mistério do Centilitro Desaparecido | 48 |
| Um Problema Bicudo | 52 |
| As Coxinhas | 56 |
| O Vírus do Alarcão | 59 |
| Sociedade sem Papeis | 63 |
| A Traição da Tradição | 67 |
| A Ilha Continental | 69 |
| Não Trema! | 75 |
| Um Presente com Futuro | 78 |
| Grande Pagode! | 81 |
| Dá-lhes com Força! | 84 |
| A Fitinha | 87 |
| A Injustiça | 90 |
| O Alicate | 93 |
| Um <i>Hacker</i> à Portuguesa | 96 |
| O Nome Próprio | 99 |
| O Pré-Presidente | 102 |
| A Biotecnologia | 106 |

Um Rio Difícil



Talvez por acharem que eu

tenho um espírito jovem fui convidado a dar uma mãozinha no programa «Internet nas Escolas».

E em boa hora se venceram todas as dificuldades inerentes a uma coisa destas, pois não há nada mais gratificante para mim do que estar no meio da juventude a trocar ideias e

opiniões sobre coisas da nossa vida de todos os dias!

E ali estava eu, ainda sozinho, na Biblioteca, a tomar contacto com o ambiente e a familiarizar-me com a Escola antes de começar a sessão propriamente dita.

O computador não tinha segredos para mim, a ligação à Internet muito menos, e tive a brilhante ideia de dar uma voltinha pelo arquivo "Histórico" para ver quais os assuntos ultimamente abordados pelos *surfistas* mais recentes.

Mas havia de tudo e não foi possível descobrir nenhum padrão especial.

Adiante.

Estava eu, portanto, a pensar como é que ia ser a coisa assim que a rapaziada aparecesse, quando entrou a Dra. Ana Estrelícia, professora de Geografia, que - sabendo o que eu ali estava a fazer - se dirigiu a mim e me cumprimentou afectuosamente.

Disse-me então que queria aproveitar a minha presença para mostrar aos alunos como podia ser divertido estudar Geografia usando as capacidades da Internet.

Falámos um pouco e, no seguimento das suas indicações, fiz duas ou três pesquisas, e anotei nos *favoritos* uma meia-dúzia de endereços que me pareceram que seriam bons pontos de partida.

Vendo que tudo se encaminhava bem, ela saiu para ir chamar *os seus meninos*.

Já ao transpor a porta ainda se virou para trás e pediu:

«Já agora, Jeremias, veja se descobre também qualquer coisa especialmente sobre os rios portugueses, para ver se eles os aprendem de uma vez por todas!»

(Nada mais fácil! Sabem? Por estranho que pareça eu tenho os nomes dos rios portugueses todos na cabeça, e ainda uma boa dúzia de afluentes! É que a minha madrinha foi professora primária, daquelas à antiga, e não sei se vocês sabem como se processava o ensino nessa época...)

E, assim, aproveitei o pouco tempo que ainda tinha, para fazer pesquisas começando em Minho, Lima, Cávado, Ave...

Mas esqueci-me de vos falar de uma coisa:

ideia de eu chegar com alguma antecedência não tinha só a ver com a necessidade de me familiarizar com o equipamento!

É que a Internet é uma caixinha de surpresas, digamos que é o equivalente a uma biblioteca infinita...

E, da mesma maneira que numa respeitável livraria se podem encontrar os livros do grande José Vilhena mesmo ao pé dos Lusíadas, também podem aparecer, a meio dos passeios no ciberespaço, *coisas menos apropriadas* para o espírito de quem por ali anda...

Mas, com os rios de Portugal, parecia que esse risco não existia e iria correr tudo bem.

Grande engano!!!

Quando (ainda sozinho e à caça de *bookmarks*) fiz a pesquisa em «Sado», apareceu-me no monitor uma incrível lista de 38370 endereços, quase todos pornográficos, remetendo para sítios que se imagina (e que poderá verificar quem fizer o mesmo...) e que tinham muito pouco a ver com o bucólico estuário junto a Setúbal...

O certo é que a situação era muito preocupante pois as criancinhas já estavam a entrar na sala!

E a sessão pedagógica lá começou...

Desde o rio Minho até ao Tejo, tudo estava a correr maravilhosamente e a juventude a adorar aquilo tudo!

Mas eu só pensava como é que me ia desvencilhar do problema que se aproximava a passos largos...

Felizmente, com uma perspicácia que nem eu próprio sabia que tinha, quando chegou à altura de fazer a pesquisa relativa ao *sádico rio*, eu, em vez de digitar «Sado», tecliei instintivamente **"rio Sado"**.

O segredo estava nas aspas (pois se tratava, precisamente, da forma de indicar ao motor de busca que contemplasse apenas as situações em que aparecessem ambas as palavras) e assim estaria ao abrigo de surpresas.

Pelo menos... parecia!

Ao princípio tudo bem, eu e os meninos lá íamos percorrendo os *links* que iam aparecendo, saltitando de fauna em fauna e de flora em flora, passando pelas inevitáveis salinas e ruínas romanas de Tróia.

Mas, quando menos se esperava, deu-se a grande bronca:

Fomos cair, de chofre, na *home-page* de um sádico da antiga polícia política brasileira cujo título era, nem mais nem menos:

- QUANTO MAIS O CARA GEME, MAIS EU ME RIO!!

O Brasileiro



Esta coisa da «Internet nas Escolas» tem muitas potencialidades e eu estou a gostar muito da minha nova actividade de animador ciber-cultural.

Felizmente não teve conseqüências de maior aquilo que

vos contei acerca dos rios portugueses.

Lembram-se? No seguimento de uma ingénua pesquisa a propósito do rio Sado fui parar a uma infinidade de *home-pages* escabrosas que - haja Deus! - as criancinhas não viram.

Bem... houve, de facto, aquele pequeno percalço relativo ao brasileiro *ex-colega* do Agapito, mas isso são coisas que acontecem, pois *quem anda à chuva molha-se*.

De qualquer forma acho que não vos cheguei a contar que, quando fiz a inevitável pesquisa em inglês ("River Sado") obtive também um estranho resultado:

No meio de algumas respostas apareceu uma que me chamou particularmente a atenção:

Tratava-se, nem mais nem menos, do que a página pessoal do Setubalino (por alcunha O Laranjinha), velho amigo que já não via há dez anos, pois há outros tantos que emigrara para o Brasil.

E ali estava eu, emocionado, e de certa forma matando saudades do amigalhaço, completamente alheado da professora e das criancinhas que me rodeavam (e que eram, afinal, a razão de ser da minha presença na escola onde me encontrava).

Mas... como é que o Laranjinha me tinha conduzido à página dele no seguimento de uma pesquisa em "River Sado"?!

Comecei por pensar que talvez ele, num acesso de snobismo idiota, tivesse traduzido "Rio de Janeiro" por "January River", mas não se tratava de nada disso, como vão ver:

A *home-page* estava recheada de inúmeras fotos do país natal e do país adoptivo, e eu não conseguia descortinar onde é que podia aparecer a tal referência ao que eu procurava!

Só que é para essas situações que o *browser* tem a função "pesquisar". Activei-a, escrevi as palavras em causa, e...

— ooOoo —

Mas antes de chegar ao fim da história é preciso, primeiro, fazer um pequeno comentário.

Toda a gente sabe como são estas coisas:

Os portugueses que estão mais do que dois dias no Brasil adquirem rapidamente o sotaque local. Por isso imagine-se o que aconteceu com o Setubalino, que mora lá há uma eternidade!

Mas já lá vamos.

Quando menos esperava esbarrei, no meio de inúmeras divagações saudosistas, com um pequeno ficheiro de audio, que decidi activar.

O que eu fui fazer!

A vetusta biblioteca da Escola, perante o pasmo da Dra. Estrelícia e a alegria dos seus meninos, animou-se de súbito com um samba cantado pelo próprio Setubalino na voz fanhosa que eu sempre lhe conhecera:

...E éu
qui em Portugáu fui nascê
é lá qui quérô môrrê...

Ao ritmo da música piscava e saltitava pela página a letra respectiva, com duas palavras devidamente realçadas a *bolt* (pois constituíam o resultado do refinamento da minha pesquisa científica):

Si o destino mi ofecera
Em Lisboa ouvir o fado
Eu por mim antis quisera
Em Sitúbáu **river** o **Sado**...

3

Privacidade Preservada



Já há muito tempo que não vos falo dos *Reboredos*; fundamentalmente, porque não tem havido grandes novidades por esses lados, além de que, desde que faleceu o Doutor Reboredo,

pode-se dizer que perdi o contacto com essa família.

No fundo, o homem morrera por não conseguir suportar a convivência com a evolução tecnológica, e logo o pai - ironia do destino! - vivia na mesma casa rodeado, precisamente, dessas *modernices* do diabo!

Por falar disso: como andaria ele, o bravo coronel? Já estaria mais recomposto desse drama familiar?

O certo é que o tempo cura muita coisa, e a vida não pára.

Além disso, o nosso homem é pessoa de rija têmpera e *sangue na guelra*, o que sempre o ajudou a enfrentar heroicamente as contrariedades do dia-a-dia (como já se sabe e adiante se confirmará).

— ooOoo —

Pois anteontem, quando eu menos podia esperar, vi-o num supermercado de um centro comercial. E a cena a que assisti merece ser relatada com algum pormenor:

O homem não me viu e eu também não lhe dirigi a palavra pois - além de estarmos a razoável distância um do outro - pareceu-me que talvez ele não gostasse de me encontrar. É que preparava-se para adquirir, nem mais nem menos, do que várias caixas de preservativos, cujas marcas (e particularidades associadas...) parecia ponderar criteriosamente!

Quem diria?! Com aquela idade!! E ainda interrompia o estudo comparativo para olhar - com ar de entendido e de marialva serôdio - para as empregadas-patinadoras e para alguma cliente mais vistosa que fosse a passar!

Mas, afinal, acabou por acontecer uma coisa muito estranha:

Quando, e sem outras compras, se aproximou da caixa, hesitou... deu um passo em frente e dois atrás, olhou para todos os lados, rodopiou... e

decidiu-se por ir arrumar as embalagens, tão discretamente quanto possível, no mesmo sítio de onde as tirara!

E acabou por sair, de mãos nos bolsos, e assobiando baixinho uma marcha militar.

Percebi então que o homem sofria de um problema muito comum: a vergonha de comprar *uma coisa daquelas* em público, receando eventuais olhares de mofa dos outros clientes que, na fila para pagar, se iriam aperceber da compra que inevitavelmente associariam ao perfil do comprador.

Eu já tinha lido que, em certos supermercados, os artigos mais roubados eram, precisamente, os preservativos. Não pelo preço mas pelo mesmo fenómeno que eu estava a presenciar.

Apeteceu-me, é claro, ajudar o homem a resolver o problema. Nada mais fácil: eu mesmo fazia a compra e ele pagava-me depois. Mas também não tive coragem de lho propor, pois isso era o mesmo que confessar que estivera a observá-lo, coisa que, logicamente, nunca me perdoaria.

Resolvi, portanto, auxiliá-lo de uma outra forma: usando as *novas tecnologias*...

E no dia seguinte - que foi ontem - estava eu em casa dele a fazer-lhe um pouco de companhia, quando, no seguimento do que se passara na véspera e acima relatei...

— ooOoo —

... liguei-me à Internet e mostrei-lhe um endereço de uma empresa de compras directas com serviço de entregas ao domicílio. Depois, *como quem não quer a coisa*, levei a navegação até à parte dos artigos íntimos para ele perceber - sem eu necessitar de ser muito explícito - que podia resolver *o tal problema* encomendando anonimamente as *camisinhas* através do ciberespaço.

O meu amigo coronel acompanhava a navegação com interesse não fingido (à parte olhar a todo o momento para o relógio de ouro que trazia no colete), mas também não fazia quaisquer comentários.

E estava eu, precisamente, a chegar à parte que era suposto interessar-lhe, quando tocaram à campainha:

«Espere um pouco, amigo Jeremias, vou só ali atender à porta e não demoro nada. Deve ser o pacote do supermercado - por sinal um gajo fixe e porreiríssimo! - que vem entregar-me umas caixinhas. Trata-se de uma encomenda que fiz ontem à noite pela Internet...»

Reais Patrocinadores



Eu penso sempre numa coisa quando vejo tanta gente a choramingar por haver poucos conteúdos multimédia em português:

Que tal fazer um CD-ROM com a «Compilação das choradeiras pelo facto de haver poucos conteúdos

multimédia em português»?

Acho que obtinha, não um disco, mas uma colecção muito razoável... e de DVD!

Entretanto, eu lá vou dando a minha humilde contribuição para resolver a crise, e é disso que hoje vos quero falar.

— ooOoo —

Cada vez me entusiasmo mais com esta coisa da «Internet nas Escolas» em que ando metido até ao pescoço, mas também acho que já está na altura de começar a ganhar algum dinheiro. Por isso, e como ele teima em não cair do céu, decidi ser eu mesmo a tratar da minha vida.

E, de facto (embora a pouco e pouco), acho que a coisa começa a encarrear. Vou contar-vos como estou a proceder.

Os alunos da D. Estrelícia (e ela própria) ficaram a gostar muito de mim desde que lhes mostrei as grandes virtualidades da Internet.

No essencial, e mais percalço menos percalço, a coisa correu bastante bem, e a simpática senhora até foi muito compreensiva quando se viu confrontada com algumas dessas inevitáveis surpresas que põem os inforfóbicos de dedo em riste e a gritar: «Vêem os perigos da Internet?!» (*)

Pois no seguimento dos meus contactos com essa maravilhosa juventude lembrei-me de formar uma equipa restrita de entusiastas de História de Portugal e desencaminhá-los para a aventura didáctico-comercial de produzir uma obra sobre o assunto. Poderá vir a ser uma página na WEB ou - quem sabe? - até um CD de grande tiragem.

«Pode-se fazer, mas não vai ser fácil ganharmos dinheiro com isso...» - comentavam eles ao princípio.

Mas já começaram a mudar de opinião, pois isto do multimédia, se bem trabalhado, pode ser um maná no que toca a publicidade! E, dado o meu apurado senso comercial, só é preciso juntar Ciência com Eficiência para obtermos uma obra com Consistência. Ora veja-se: A parte dos reis de Portugal, que já está completa, tem mais candidatos a patrocinadores do que os possíveis: Só para o Afonso Henriques, vocês não imaginam quantas marcas há para aí (portuguesas, brasileiras e espanholas) com o nome de Conquistador!

Para o D. Afonso III, apareceu-nos a bater à porta um industrial especializado em pizza à bolonhesa.

Para o D. Dinis, encontrámos várias empresas agrícolas e dúzias de tascas com o nome Lavrador...

Para o Afonso IV, até apareceu uma marca de esfregões a candidatar-se.

Bem... e quando chegámos à Restauração... nem vos digo nada! Deu gosto ver tudo quanto era Indústria Hoteleira e Similares a mendigar um cantinho para uma menção publicitária!

E assim por aí fora, de tal forma que foi preciso meter um pouco de ordem naquilo tudo, e tivemos mesmo que passar a leiloar o privilégio de anunciar na nossa obra de arte em construção!

E digo "em construção" porque ainda não conseguimos resolver um pequeno problema: É que não há nenhuma firma que se queira associar à Terceira Dinastia... Empresas portuguesas não encontrámos nenhuma, e também não sei o que me parece convidar uma espanhola para patrocinar os Filipes! Eu estava a pensar numa empresa estrangeira, mesmo que fosse preciso fazer uma pequena concessão e tivéssemos que escrever Filipes com "PH"... É ISSO!!!! Alguém me arranja um contacto com aquela empresa holandesa que fabrica electrodomésticos?

(*) Quando, ao prosseguirmos o estudo dos rios de Portugal, chegámos ao rio Mira, a rapaziada até subiu pelas paredes acima! É que começaram logo por tropeçar numa home-page de uma bailarina venezuelana... A simpática, bamboleando-se e piscando um olho maroto, perguntava: «Mira, guapo! No te gusta, a usted...?»

5

Quem Anda à Chuva...



Deixo ao cuidado dos professores e professoras ensinar aos meninos e meninas que o cognome do rei D. Afonso III era “O Bolonhês” e que o do D. Afonso IV era “O Bravo” (*).

E também fica para outra altura a continuação da história anterior, «Privacidade Preservada», pois já seria brejeirice a mais em pouco tempo.

Fica, portanto, para uma próxima vez (**).

Hoje, apenas vos quero contar um pequeno episódio que ajuda a compreender melhor a personalidade dessa pessoa espantosa que é o Coronel Reboredo.

Uma tarde, estava eu a fazer-lhe companhia, quando me apercebi que ele se ligara à Internet e se preparava para usar um programa muito conhecido para *se fazer recordar* de um compromisso qualquer.

A ideia era vir a receber uma mensagem numa determinada data e hora (enviada por ele para si mesmo!) a tempo de ser avisado para fazer qualquer coisa importante.

Já não me lembro do que se tratava nem isso interessa muito agora. O essencial é que, ao ver a atenção que eu prestava, interrompeu o que estava a fazer e comentou:

— Amigo Jeremias, acho que nunca lhe contei como é que comecei a usar estas *modernices*, pois não?

Não percebi se se referia ao tal programa de *reminder*, à Internet, ou à informática propriamente dita. Mas, como a resposta era a mesma nesses três casos, confirmei; e ele, recostando-se para trás na cadeira e saboreando a oportunidade de poder contar uma história saborosa – coisa que lhe dava sempre grande prazer – prosseguiu:

— Desde muito novo que eu sempre fui uma pessoa de fraca memória, tendo que tomar apontamentos de tudo e mais alguma coisa para não me esquecer até das tarefas mais corriqueiras!

— Mesmo na sua actividade militar?! – estranhei eu.

Acenou que «sim» com a cabeça, riu-se (decerto recordando alguma peripécia mais picaresca), e continuou:

— Pois, um belo dia, fiz um nó no lenço para me lembrar de uma determinada coisa. Só que, em seguida, tive que dar outro nó para me lembrar do primeiro!

— Estou mesmo a ver – comentei, sorrindo – acabou por encher o lenço com nós!

Confirmou que fizera quatro, um em cada canto, e à medida que a história se ia aproximando do fim mais vezes tinha que interromper devido ao riso que a recordação da cena lhe provocava.

— Pois... nessa altura já estavam a aparecer as agendas electrónicas para nos recordar das coisas... Mas eu não tinha nenhuma, e até nem achava graça a essas modernices. E computadores também ainda não havia muitos.

— Então e depois? – perguntei, ao ver que ele se interrompia para continuar a teclar como se já tivesse contado tudo.

«Querem ver que o homem é, de facto, tão esquecido que se esqueceu da história que estava a contar acerca dos esquecimentos?!» - pensei eu. Se calhar fora isso que se passara, mas, a meu pedido, acabou por retomar a narração.

— Ah, pois... Como estava dizendo... Saí nesse dia à rua, e, a certa altura, começou a chover a cântaros. Não tinha onde me abrigar e tive a ideia de pôr na cabeça o lenço que, como já estava com quatro nós, ficou mesmo bem!

Não contive o riso ao imaginar um garboso militar naquela figura. Mas não comentei, ele também se riu, e continuou:

— Quando a chuva parou tirei o lenço da cabeça e, ao torcê-lo, é que reparei bem nos nós. Comecei, então, a desfazê-los sucessivamente e a reconstituir o que os motivara.

— E conseguiu lembrar-se?

— Claro! É que, logo de manhã, como já estava a contar ir à rua e o céu estava muito nublado, eu tinha dado o primeiro nó para não me esquecer de levar o guarda-chuva!

(*) Ver a história «Reais Patrocinadores»

(**) Mas não perdem pela demora, pois é interessante e instrutiva: trata-se da história «O Lugar Certo», em que se contará como o Coronel ajudou o gerente do tal supermercado a arrumar os preservativos no sítio mais apropriado para o bom sucesso do negócio cibernético.

O Lugar Certo



Acho que vocês vão gostar de saber a minha experiência como Organizador Científico de Espaços Comerciais.

Acontece que um dos sócios do Clube Filantrópico, a minha prima Ana (por alcunha a Ana Crónica), gere (e até há pouco tempo com grandes dificuldades) um pequeno estabelecimento de bairro.

Ainda por cima, coitada, apanhou recentemente com a vizinhança dos dois supermercados referidos na penúltima história (1) e ficou sem saber o que fazer à vida.

Pois estava eu a contar-lhe o que se passara com o Coronel Reboredo quando ela me interrompeu bruscamente, dando um valente murro no balcão e fazendo voar as batatas acabadas de pesar:

«Rais'ta partam, Jeremias! Tens razão! Vamos lá então modernizar o estabelecimento!»

E já não era sem tempo, pois eu passava a vida a repreendê-la por manter os mesmos métodos desde há 20 anos e não mexer uma palha para enfrentar a concorrência.

Mas, pelos vistos, era *agora ou nunca*, e ela – perante o facto de até já haver compras pela Internet – estava finalmente disposta a fazer qualquer coisa e até a gastar algum dinheiro.

Claro que isso do ciberespaço era demais para a sua cabeça, mas havia de se arranjar qualquer coisa que, embora usando as *novas tecnologias*, não fosse muito complicada (2).

Comecei, então, por visitar a loja com olhos mais críticos do que habitualmente. E não foi preciso muito para ver que havia coisas sem jeito nenhum como, por exemplo, sapatos 34 (para senhoras pequeninas) nas prateleiras mais altas e produtos para grávidas junto ao chão.

No decorrer da conversa ela queixou-se que, de facto, tinha alguma dificuldade em saber como arrumar os produtos nas prateleiras, e inclusivamente começara por fazê-lo **por ordem alfabética**.

O resultado imediato fora o **berbigão** ficar ao pé dos **berbequins** e as **sapateiras** ao pé das **sapatilhas**!

Bem... mas depois de uma primeira volta para corrigir alguns desses disparates mais gritantes, veio-me então à cabeça uma ideia fabulosa!

Mas é preciso voltar um pouco atrás na história...

Como já vos disse, eu fico muito comovido quando vejo tanta gente a chorar por causa da falta de conteúdos multimédia em português. E faço o que está ao meu alcance para consolar tantos «Ais»...

Assim, e com a ajuda de um dicionário de sinónimos e do *other related topics* (que alguns motores de busca propõem após uma pesquisa na Internet), eu e o coronel Reboredo preparámos um CD-ROM subordinado, precisamente ao tema «Ais» («Associações de Ideias»):

O utilizador introduz uma palavra ou expressão qualquer e o programa debita uma dúzia de palavras ou expressões relacionadas com o assunto.

Por exemplo:

acidente de automóvel dá:

Chico-esperto / azar do caraças / hospital / bate-chapas / a culpa foi do gajo / reboque / condutor-de-domingo / tolerância-zero / ensino de condução, etc.

Acho que, com um pouco de sorte, ainda consigo arranjar um patrocinador e vender uns exemplares por aí. Para já, a Ana foi a primeira pessoa a comprá-lo, embora pagando-me em iogurtes fora da validade.

E foi assim que ela retirou as **chupetas** de ao pé dos **churrascos** e as meteu junto das **fraldas** e das **Milupas**.

Não vale a pena dar mais exemplos, e o certo é que, de facto, o negócio dela começou logo a melhorar no dia seguinte!

O Coronel Reboredo, quando soube do sucesso da iniciativa em que também tanto se empenhara, quis lá ir, comigo, ver com os seus próprios olhos.

No fim da visita, estava eu já a despedir-me (e a felicitar a Ana pelo novo rumo do negócio), quando reparei que o homem tinha desaparecido por entre as prateleiras onde em tempos tinham estado os produtos começados pela letra P.

E nunca mais voltava!

«Querem ver que o grande maroto anda outra vez de roda dos preservativos?!» - pensei eu - «Que situação embaraçosa!»

Mas, nessa mesma altura, ele reapareceu.

Trazia, sorridente, um enorme boião de **marmelada** debaixo do braço (3).

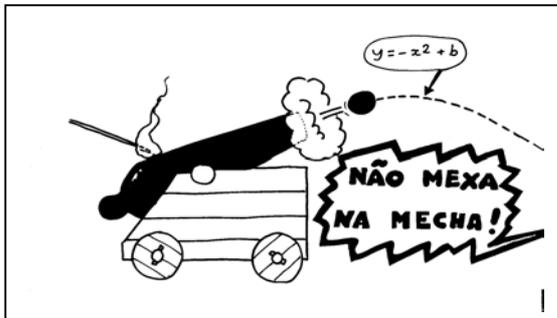
(1) Ver a história «Privacidade Preservada», onde se conta como o Coronel Reboredo resolveu o seu problema de compra de *artigos íntimos* recorrendo às facilidades que a Internet proporciona.

(2) Piada indirecta (?) aos tekno-idiotas que, preocupados com a democratização da informática, a complicam muito para além do necessário.

O exemplo mais refinado desses patuscos é o famoso Alarcão d'Albuquerque, por alcunha «O Komplicador», referido no livro «Operação JEREMIAS»

(3) Numa fase de transição entre a «arrumação por **ordem alfabética**» e a «arrumação por **associação de ideias**», *esses tais artigos* tinham estado junto dos... **Pepinos**.

O Parabólico



Já devem ter percebido que o Coronel Reboredo é uma pessoa bastante activa, com muitos e variados interesses na vida, e senhor de um espírito jovem capaz de envergonhar muita rapaziada que por aí anda.

Como se fosse pouco, ainda lhe deu para se entusiasmar com a minha prima Ana (1), pelo que agora não lhe *desampara a loja* e está lá sempre caído mesmo nas horas de maior movimento!

Claro que não faz muitas compras, pois a reforma é pequena, mas também não vai lá para isso... O certo é que a minha prima – que também já não é nova – lhe acha graça, aprecia de sobremaneira a sua companhia, e lá vai alimentando aquela inofensiva amizade.

E foi assim que um belo dia fui dar com ele a contar-lhe, entusiasmado, histórias de guerra mais ou menos inventadas, enquanto ela - de boca aberta e olhos vidrados - o escutava, deixando os clientes por atender e a caixa registadora paralisada...

— ... pois eu, na Artilharia, era conhecido pela alcunha de *O parabólico* – saiu-se ele a dado momento.

Calou-se, e ficou à espera de ver o efeito que tão estranha frase devia causar nos presentes (que já não eram poucos, naquela altura, atraídos pelo seu relato picaresco).

Explicou depois que as trajectórias dos tiros («Desprezando o efeito da resistência do ar» - precisou) eram parábolas, e que o conhecimento desse facto (e o domínio das equações respectivas) lhe permitiam acertar nos alvos com precisão matemática.

— Esse assunto sempre foi o meu forte – comentou, sem modéstia, a rematar.

Mas os ouvintes (e a Ana antes de todos) eram de opinião que aquilo não era maneira de acabar uma história e achavam que ainda faltava ouvir muito mais (2). E talvez assim fosse se ela mesma não tivesse cortado o silêncio para perguntar:

— E o que é uma parábola?!

Foi nessa altura que o meu cérebro deu um *salto contextual*, que é o que eu chamo ao facto de o meu pensamento andar sempre a saltitar de umas coisas para outras, descobrindo e explorando estranhas associações de ideias e assuntos.

E dei comigo a pensar na Dra. Microscópica – professora de Matemática e colega da Dra. Estrelícia – que em tempos lamentara eu não a poder ajudar no ensino da **Geometria Analítica**.

Foi nesse seguimento que, no dia seguinte e acompanhado pelo meu amigo Coronel, me apresentei lá na escola levando uma ótima ideia já alinhavada na minha cabeça:

Mostrar como as novas tecnologias (e, nomeadamente a Internet) podiam, afinal, ser úteis mesmo no ensino dessa disciplina!

É que, na véspera à noite, nós os dois tínhamos feito as necessárias pesquisas na Internet; tínhamos sido bem sucedidos, e levávamos bem anotados inúmeros endereços com material interessante.

Só que, como não sabíamos ao certo por onde ela queria começar, estávamos um pouco perdidos. Mas, pensando bem, a conversa desse dia ia ser principalmente exploratória e depois se veria.

A Dra. Microscópica (mulherona enorme e de voz trovejante) cumprimentou-nos efusivamente e levou-nos sem mais delongas para a Biblioteca onde o computador, já ligado, nos esperava.

Para minha surpresa foi ela mesma quem se sentou *aos comandos da máquina* (usando as suas próprias palavras). Depois, virando-se para nós, sorrindo e ajeitando-se bem na cadeira que mal a comportava, desfechou:

— *Ready to surf?*

Cocei o nariz, pensativo... Depois, pedindo-lhe desculpa pelo atrevimento, inclinei-me, afastei delicadamente as suas manípulas do teclado e do rato, e fiz questão de ser eu a activar o meu pesquisador preferido.

— Diga lá uma palavra ou expressão relacionada com o que quer, s'tôra...

Mas, não lhe dando tempo para pensar, eu mesmo atirei de imediato a sugestão que motivara a minha presença ali:

— Que tal uma pesquisa em *parábola*, s'tôra?

— Boa! Afinfa-se já essa, meu jovem perito!! – e ela mesma teclou, ignorando a minha sugestão de escrever em inglês, as palavras “análise” e “parábola”.

Ora toda a gente sabe que a língua dominante na Internet é o inglês, pelo que fora nessa língua que eu e o Coronel havíamos preparado toda a sessão. Por isso ficámos um pouco desnorteados com o rumo imprevisto que a pesquisa tomava (com respostas apenas em português), mas reparámos que o motor de busca dava – mesmo assim – algumas pistas que pareciam muito interessantes.

Mesmo muito interessantes! Ali estava tudo relacionado com parábolas: curvas, equações, definições, exemplos... **absolutamente tudo!**

Mas houve um pequeno percalço:

Na segunda linha das respostas fomos conduzidos, através de um *link* muito palavroso, para um *site* cheio de sinais “+”.

«Estranho...» - pensei eu «Porque será que este *site* tem tantos sinais de adição?!»

De facto, a equação geral da parábola tem alguns:

$$y=ax^2+bx+c$$

Mas depois, vendo melhor, apercebemo-nos de que os sinais, afinal, não eram de *adição*...

Eram **cruses**, e tratava-se de um *site* subordinado ao tema do Novo Testamento:

***ANÁLISE DAS MAIS FAMOSAS
PARÁBOLAS DE JESUS CRISTO***

(1) A Ana Crónica, referida na história «O Lugar Certo»

(2) Ou talvez ele se tivesse esquecido, como era frequente e se poderá ver na história «Só a Nós é que Lembraria!», disponível no mesmo endereço.

Que Grande Camelo!



Como talvez se recordem

eu e o Coronel Reboredo fomos até à Escola onde tenho sido tão bem recebido e começámos a ajudar a

Dra. Microscópica, professora de Matemática, a pesquisar na Internet coisas relacionadas com Geometria Analítica e, mais concretamente, com parábolas. E esbarrámos, como contei, numa página intitulada

ANÁLISE DAS MAIS FAMOSAS PARÁBOLAS DE JESUS CRISTO

Até aqui tudo bem, pois tratava-se de mais um dos inúmeros casos divertidos que a WEB proporciona, e já me tinha visto metido noutros muito mais embaraçosos... (1).

De qualquer forma eu esperava que a senhora resmungasse (por deparar com uma resposta indesejada), e já me preparava para lhe ensinar a sintaxe a aplicar nas pesquisas para evitar casos desses (2), quando sucedeu uma coisa muito estranha:

Para minha grande surpresa ela mandou às urtigas (ou *ao diabo...*) as respostas sobre curvas e equações e *mergulhou de cabeça*, precisamente, nessa tal página de assuntos cristãos!

E, aqui, terei que fazer um parêntesis.

Quando se fala de beatas imagina-se, em geral, velhinhas de puxo, pequeninas, de óculos de aros e vestidas de preto, circulando por entre sacristias e bancos de igreja de missal na mão.

Pois, se isso é **a regra**, eu tinha ali, na minha frente, a respectiva **exceção**: a gigantesca Dra. Microscópica.

Mas a simpática senhora, vendo-se subitamente confrontada com tantas imagens devotas, descobriu que as mãos não lhe chegavam para tudo:

Pretendia benzer-se, rezar o terço, e ainda manipular o teclado e o rato!

O Coronel, homem vivido e conhecedor destas coisas, pegou-me discretamente pelo braço e levou-me para o corredor, no intuito de deixar a senhora sozinha, entregue ao ciberespaço e à sua devoção.

E por ali ficámos, olhando a juventude que passava a caminho do recreio ou das aulas, relembrando os nossos tempos de escola.

Até que, de súbito, ouvimos um grito:

«SACRILÉGIO!!»

Precipitámo-nos de novo para a biblioteca, onde deparámos com a Doutora, lívida, de olhos esbugalhados e de nariz colado ao monitor...

O que se passara demora um pouco a explicar, pelo que recorro à paciência dos leitores para mais um pequeno desvio na narrativa.

Quem usa processadores de texto sabe que, felizmente, estão disponíveis os chamados “correctores ortográficos”.

Mas essa maravilha da técnica (que é a salvação de muito semi-analfabeto que por aí circula), só por si, não resolve tudo:

Acontece que esses programas não distinguem *vêm* de *vêm*, *ouve* de *houve*, nem *discriminar* de *discriminar*, pelo que foi preciso inventar outras maravilhas ainda maiores: os *correctores gramaticais* e os *correctores sensíveis ao contexto*:

Essas obras de arte da tecnologia digital analisam as frases e, **se eles acharem** que é caso disso, sublinham as palavras *suspeitas* e sugerem outras que (pelo menos no entender de quem os fez), sejam mais apropriadas para a compreensão do texto.

Ora acontecera que a nossa amiga desatara a fazer transcrições da tal página da Internet para uma folha de Word a fim de completar um trabalho que andava a fazer para as aulas de Religião e Moral que também ensinava.

Só que, quando chegara à famosa frase...

«... é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino dos Céus» (3)

reparou que a referência ao simpático animal (4) aparecia sublinhada a vermelho.

O programa corrector, depois de algumas considerações perfeitamente pertinentes sobre diâmetros e volumes, impunha (mais do que sugeria) a substituição, na palavra **CAMELO**, do **M** por um **B**...

(1) Ver a história «Um Rio Difícil», em
<http://www.digito.pt/caderno/arquivo.html>

(2) Trata-se de usar, na pesquisa, termos lógicos ou os sinais +, -, etc.

(3) S. Mateus 19:24; S. Marcos 10:25 e S. Lucas 18:25
Conforme pesquisa em <http://www.bible.ca/bible-search-text.htm>

(4) Supõe-se que se trate de um dromedário (espécie de camelo com uma só bossa), por ser mais maneirinho para o fim em vista...

9

de motu proprio

PARTE I



Esta minha

nova actividade relacionada com a Internet nas Escolas faz com que eu e o meu amigo Coronel passemos imenso tempo a viajar de um lado para o outro.

Ora, como não temos carro nem carta (a não ser de motos, eu; e de cavalos, ele...), de cada vez que é preciso irmos um pouco mais longe a coisa complica-se bastante.

Pois um belo dia, quando, em sua casa, comentávamos esse facto, sucedeu uma coisa espantosa que, se me derem algum tempo, poderei relatar em pormenor.

O Coronel desligou a ligação à Internet, afastou-se ligeiramente do computador e, metendo as mãos nos bolsos e recostando-se na cadeira, comentou:

— Há muitas coisas que ainda não sabes, amigo Jeremias! Muitas coisas! E hoje vais ter uma grande surpresa... – e sorriu, fazendo cara de caso.

Em seguida, e sem me dar tempo para fazer quaisquer perguntas, levantou-se, tirou uma minúscula chave do bolso esquerdo do colete e introduziu-a numa fechadura perfeitamente dissimulada na moldura do espelho do guarda-fato!

Depois, fazendo-a girar, permitiu que todo o móvel rodasse, como uma enorme porta, desvendando uma autêntica passagem secreta!

Por fim, e como se fosse a coisa mais natural do mundo, convidou-me a descer a íngreme e escura escada que ali mesmo se nos deparava!

Sim senhor! Tínhamos UM MISTÉRIO!

Mas o certo é que hesitei, e vocês também fariam o mesmo.

O Coronel, então, abriu uma gaveta da cómoda e tirou de lá uma pesada lanterna portátil que empunhou e acendeu.

Tal facto ainda aumentou mais o meu desconforto pelas longas e escuras sombras que projectou na escada mas ele, vendo o meu receio, passou à minha frente e começou a descer sem fazer quaisquer comentários.

Segui-o, um pouco envergonhado...

Ao contrário do que parecera ao princípio a escada até nem era muito longa, e ao fim de dois ou três lanços de degraus e de meia-dúzia de teias de aranha pegajosas esbarrámos numa pesada porta de carvalho negro.

Havia uma gigantesca chave na fechadura, e, após o previsível ranger de dobradiças que acompanhou o abrir da porta, pude antever uma lúgubre e misteriosa cave...

O Coronel, então, riscando um fósforo, acendeu com alguma dificuldade um candeeiro de petróleo cuja luz, em vez de me tranquilizar, ainda mais me inquietou pelas sinistras sombras que fez nascer por todo o lado.

— Estamos na cave dos grandes mistérios, amigo Jeremias! Não lighes aos morcegos nem às ratazanas... E não percamos muito tempo pois, de tudo isto que aqui está, só há um objecto que hoje verdadeiramente nos vai interessar.

E dirigiu-se, contornando inúmeros baús e caixotes, a um enorme volume negro aonde a luz da lamparina mal chegava.

Tratava-se (como descobri mais pelo tacto e pelo cheiro do que pelos meus olhos), de um espesso oleado que cobria qualquer coisa bastante grande e de forma irregular...

E foi à ténue luz da lanterna de mão que eu pude ver, quando o Coronel cuidadosamente a destapou, uma espantosa moto, do tempo da Segunda Grande Guerra, com *sidecar* e tudo!

— *Et voilà!* – exclamou ele, feliz, e abandonando o ar de mistério que até aí mantivera.

— E anda?! – perguntei eu, atónito, enquanto, maquinalmente, a tentava pôr a trabalhar.

A resposta não se fez esperar, sob a forma de um ribombar que atroou as paredes e deve ter feito tremer a casa dos alicerces ao telhado!

— Vejo que temos o problema do transporte resolvido... Mas como é que ela vai sair daqui?! – Perguntei, cada vez mais intrigado.

— Vai sair por onde entrou... Ou julgas que dantes se faziam motos em *kit*?! – Foi a sua resposta, acompanhada por uma sonora gargalhada.

Depois, e virando-se para a parede na nossa frente, pronunciou devagar e fazendo um vozeirão teatral:

— A-BRE-TE, SÉ-SA-MO!

Deve, simultaneamente, ter carregado em algum botão, pois nesse preciso momento abriu-se uma porta e vi que nos encontrávamos, pura e simplesmente... na garagem do quintal!

E o Terrífico, que pelos vistos já havia muito nos presentira, ali estava, a ladrar e a abanar o rabo, feliz e contente por nos ver aos dois a sair daquelas trevas!

PARTE II

Afinal tive imensa pena quando todo esse clima de mistério se desvaneceu de um momento para o outro como que por encanto.

Pois em breve, e quase sem eu saber como, estava o coronel sentado no lugar do *pendura* e eu a acelerar, rua fora, a caminho da escola que íamos visitar!

Escusado será dizer que a nossa chegada, por aquele meio, foi muito aplaudida pela juventude que já nos esperava à porta!

E a cena do Coronel, de bengala e capacete, a sair do *sidecar*, trôpego mas sorridente, foi inesquecível e valeu bem a longa viagem!

Mas vamos ao que interessa, que este texto deve ser sobre informática e não sobre motos nem mistérios (que nem policiais são...)

Pois mais uma vez a minha actividade de animador cibercultural esbarrou numa *grande* dificuldade, que desta feita dava pelo estranho nome de Professor Doutor Filogildo Gravelindo.

Depois de se apresentar cortesmente, esse tal Dr. Filogildo, no seguimento de alguns estranhos saltinhos de que ninguém o julgaria capaz, atravessou-se na porta da Biblioteca e, de braços abertos, desfechou com voz esganiçada:

— Não sei quem vos chamou cá. Mas Internet, aqui na escola, nunca! Nada de gajas nuas nem de poucas-vergonhas aqui na Biblioteca!

E rematou, agora com voz grossa, e perante o pasmo embaraçado das pessoas presentes e que nos tinham convidado:

— Só por cima do meu cadáver!

A frase certa seria «Nem por cima do meu cadáver», dado o seu enorme volume que se traduziria sempre num obstáculo intransponível...

Sem sabermos o que dizer virámos as costas e viemos embora, cabisbaixos.

E a rapaziada da escola, também triste, veio despedir-se de nós até à moto.

PARTE III

Mas eu não desanimo facilmente, e foi por isso que dei comigo nessa mesma noite a estudar, juntamente com o Coronel, as diversas possibilidades de protegermos as criancinhas dos conteúdos menos próprios existentes na Internet (1) por forma a calarmos de vez essas aves agoirentas e esses Velhos-do-Restelo.

— Hoje em dia a juventude sabe mais do que nós, amigo Jeremias... a rapaziada (2) sabe muito... – comentava ele, filosoficamente. – Mas arranja lá então um desses programas que filtram os conteúdos menos próprios...

No fundo, a nossa tarefa até nem era muito difícil, pois já há inúmeros programas gratuitos que se encarregam de o fazer. Às vezes até filtram demais; mas, nestas coisas, antes a mais do que a menos.

Mas o meu amigo Coronel gostava de desafios:

— Ora! Isto, assim, *não dá luta* nenhuma, caro Jeremias! E se nós mesmos inventássemos um programa protector?!

E lá nos lançámos ao trabalho, fiéis à grande máxima:

«Não é preciso inventar a roda: basta roubar os planos!»

Mas, mais tarde, vim a saber que, afinal, o método que eu julgava ter inventado já existia há muito tempo:

Consiste em analisar as imagens ainda antes de serem exibidas no monitor e, desde que tenham uma grande percentagem de gente despida...

«CORTA!»

Bem... e para se saber quando é que uma imagem tem muita gente despida basta analisar a percentagem de *pixels da cor da carne* e atribuir um valor a não ultrapassar.

Ora qualquer pessoa que um dia tenha usado *gouaches*, aguarelas, tinta de óleo ou lápis de cor sabe como é difícil encontrar a coloração “cor da pele”.

Por isso eu e o Coronel Reboredo resolvemos passar num *scanner* as nossas mãos e braços, bem assim como os de familiares, amigos, e conhecidos (3). E, nomeadamente, todo o pessoal do Clube Recreativo viu alguma parte do seu corpo digitalizada e passada bits!

Obtivemos, assim, um valor médio de “cor da pele”, que introduzimos no nosso programa (4) e, depois de uma boa série de experiências (todas elas satisfatórias), resolvemos enfrentar de novo a ira do Dr. Filogildo...

PARTE IV

Começando por reconhecer que ele tinha razão (o que facilitou enormemente a conversa posterior) desafiámo-lo a deixar-nos instalar o referido programa no computador da Biblioteca. Ele mesma o testaria.

Declarando-se «uma mente aberta» aceitou o repto, e assim foi. Instalámos rapidamente o *software* e eu informei-o:

— Força, s’tor. É todo seu!

Deu-se, então, uma cena inacreditável:

Depois de nos ligarmos à Internet, o desconfiado pedagogo abriu a carteira, tirou dela um longo papel, e desatou a teclar incríveis endereços que, pelos vistos, conhecia melhor do que ninguém!!

Mas, à parte o caricato da cena, tudo correu impecavelmente: o programa não deixou abrir uma única página menos própria e ele considerou-se plenamente satisfeito!

E foi assim que eu e o Coronel anotámos o acontecimento no nosso rol de grandes vitórias do Mundo Digital!

PARTE V

— Venha cá com urgência, caro Jeremias! Temos um grande problema! – Era o Dr. Filogildo dias depois, em pânico – Há uma falha grave nesta sua coisa!!

Meti-me num táxi, à pressa, e lá fui, subindo as escadas a quatro e quatro.

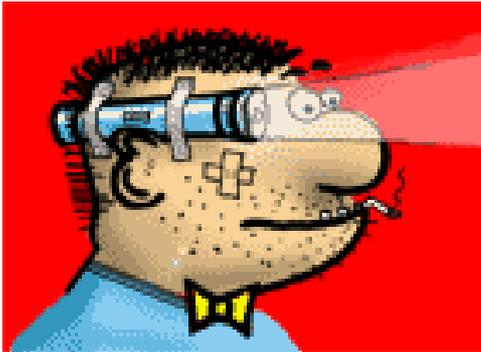
Quando vi o que se passava, e ainda antes de recuperar o fôlego, senti-me gelar!

É que, no seguimento de uma qualquer pesquisa (feita sabe-se lá por quem...), o *écran* exibia uma primorosa selecção de *sites* pornográficos... de um país da África meridional!!

- (1) Nestas coisas que metem educação não se pode facilitar! Se o pessoal quer estar a par da pornografia (nomeadamente da boa pornografia nacional), então que veja os *anúncios íntimos classificados* de muitos dos nossos respeitáveis diários.
- (2) E a *raparigada*!
- (3) Tivemos que excluir, é claro, o Fagundes, por alcunha «O Peludinho».
- (4) Por sugestão da D. Gaudência baptizei-o de P.P.C.A. que significa, em geral, *Posto Principal de Comutação Automática*, mas passou a significar também *Programa Protector de Criancinhas e Adolescentes*.
- (5) A D. Gaudência, a tímida telefonista ruiva, aparece pela primeira vez no livro «Operação JEREMIAS», no capítulo «A Menina da Rádio».

Ladrão na Rede!

PARTE I



- **S**abes o que é um *pleonasm*o, amigo Jeremias?

Eu, por acaso, até sabia, e respondi (acho que satisfatoriamente):

— São expressões redundantes, como, por exemplo, *sair para fora*, *gordo obeso*, e coisas assim.

Mas o meu amigo Coronel também não estava à espera que eu lhe respondesse e, limitando-se a *acenar que sim* com a cabeça, prosseguiu:

— Estou aqui na Internet à procura de alguém que venda redes.

Ah! Então era isso o que ele, na brincadeira, chamava um pleonasm: procurar *rede na rede*!

— E para quê? – Perguntei, evitando referir a teoria dos fractais... - Vai à pesca ou quer fazer alguma capoeira?

Mas, ou porque não ouviu ou porque não tivesse achado graça, o certo é que não me respondeu.

Eu já começava a habituar-me a essa nova faceta do Coronel: o gosto pelos grandes (e pequenos...) mistérios, decerto influências das aventuras do Pato Donald que, apesar da sua proveccta idade (1) consumia em grandes quantidades!

Sentei-me então na cadeira ao lado e fiquei a ver o desenvolvimento da pesquisa.

Mas ele não procurava um qualquer tipo de rede! Tinha que ser metálica, bastante flexível, e encontrável em Portugal num prazo curto.

Por sorte, ao fim de alguns minutos, lá conseguiu o que queria.

Tomou nota da morada da loja e mudou de assunto sem adiantar mais nada...

PARTE II

Dias depois, estava eu já na cama, quando recebi um telefonema seu.

Mostrava-se muito nervoso, e pedia-me para ir lá a casa com a maior urgência.

«É hoje o grande dia!» - limitou-se a exclamar - «Ou melhor: a grande noite!»

Como julgo que já devem ter percebido, desde a morte do filho (e por motivos que aqui não interessa referir) que ele vivia praticamente sozinho naquele casarão, apenas acompanhado pelo Terrífico, (o simpático e sociável cão de guarda que em tempos os ladrões tinham roubado) e, de vez em quando, pela D. Rosa (2) que ia fazer as limpezas e a comida para a semana toda.

Vesti-me à pressa e lá fui eu, nervoso, pois devia estar a passar-se qualquer coisa de muito estranho ou muito grave.

Ele esperava-me à porta da casa, e ao longe já se lhe notavam os modos impacientes, andando de bengala de um lado para o outro enquanto o cão, sempre alegre, distribuía o seu tempo pelos candeeiros, pelas árvores e pelas cadelas da vizinhança.

Ao ver-me aparecer (afogueado e ainda apertando os botões da camisa) fez-me sinal para me apressar ainda mais e encaminhou-se para a porta.

— Vamos, Jeremias, não percamos tempo! Subamos, pois acho que a noite vai ser animada. Fiz café em grande quantidade e comprei dois pacotes de bolachinhas de água-e-sal.

Na manhã seguinte estava prevista uma ida a uma escola, pelo que uma noite em branco não era coisa que me estivesse a apetecer nem fosse recomendável. A menos que se estivesse a preparar alguma grande aventura... E parecia ser o caso!

Subimos então para as águas-furtadas onde, apesar de agora poder dispor da casa toda, ele continuava a ter o seu quarto, pequeno e húmido.

Apenas havia uma pequena alteração: tinha feito, no corredor, umas estantes enormes, para onde transferira todas as revistas do Walt Disney, aliviando assim o quarto de dormir onde os computadores, os *modem* e as impressoras já mal cabiam...

Pois, desta vez, havia uma novidade: uma pequena câmara de vídeo montada em cima da mesa...

O Coronel, pelos vistos, dedicava-se agora a comunicar mais ao vivo com os amigos (e amigas, é claro!) (3).

O computador já estava ligado mas, ao princípio, não percebi bem o que se via no *écran* pois tratava-se de uma imagem muito escura e muito pouco nítida.

— É mesmo assim, Jeremias. Está a ser obtida por uma câmara de infravermelhos. E o que estamos a ver é a cave dos grandes mistérios!

«Enlouqueceu de vez!» - pensei eu - «Agora dá esse nome à porcaria da garagem... e faz-me vir aqui a meio da noite para uma coisa destas!»

Passou-se uma hora e nada aconteceu...

A casa, entretanto, mergulhara nas trevas pois o Coronel fizera questão de apagar todas as luzes...

Passou-se mais outra hora, e nada...

Comecei a ficar deveras impaciente, e nem a navegação na Web nem as passeatas pelo IRC me sossegavam, dado que poucas horas mais tarde ia ter que estar fresco para ajudar a professora Sincronoscópica na preparação da aula de electricidade aplicada...

Mas, de súbito, o monitor começou a piscar furiosamente. Em seguida exibiu um desenho de uma bomba com enorme ponto de exclamação, e um *bip-bip* desatou a avisar que algo de anormal se estava a passar!

— Chegou a grande hora! – Comentou, num misto de alegria e de nervosismo mal contido. – Agora é só assistir ao filme... Aconteça o que acontecer, não faças nem digas nada... Mantém-te frio!

Desligámos a ligação à Internet e apareceu de novo a imagem negra da garagem.

Algo de estranho, de facto, se passava:

Accionada por um pequeno servomotor a câmara instalada lá em baixo rodou rapidamente, como que atraída por alguma coisa, e deteve-se, focando uma frincha de luz que, pelo que percebi, vinha da porta que dava para o jardim... Estávamos, aparentemente, em vias de ser assaltados! E o Coronel tinha sabido que isso ia acontecer!!

Limitei-me a observar, sentindo um arrepio percorrer-me o corpo todo... Sim, porque estávamos sozinhos em casa, e o Terrífico – além de já ter mostrado que não servia para muito - fora trazido para ao pé de nós e dormia, enroscado e feliz!

A porta, entretanto, abria-se cada vez mais, devagar e sem ruído, e assistíamos, *em directíssimo*, a uma cena clássica de assalto a poucos metros de nós!

A certa altura, quando foi visível o cone de luz da lanterna do ladrão a devassar as trevas, o Coronel avisou-me:

— Ele anda à procura da moto... Pronto, já deu com ela... Agora vai destapá-la...

— Como é que sabe?! – Inquiri, mas já sem grande surpresa.

— Eu sei tudo o que vai acontecer... Ele é que não sabe... Mas presta atenção: agora está a observar o farol... Vamos fazer um *zoom* para ver a cara de gozo dele...

E prosseguiu, como fazem aqueles subtis relatores de jogos de futebol que, na televisão, vão contando tudo o que nós estamos a ver como se ainda vivêssemos no tempo em que só havia relatos pela rádio (4).

— Agora vai começar a desmontá-lo... Está difícil, porque os parafusos estão muito enferrujados... Coitado, o que o desgraçado sofre para roubar o farol! Tem ali trabalho para meia hora...

E ria-se, deliciado!! Eu estava de boca aberta! Então acontecia uma coisa daquelas e ele assistia impassível à cena?!

Mas prosseguia, mal contendo o gozo:

— Olha... O gajo não é nada parvo e veio prevenido! Trouxe *Ferrugex*, o melhor *spray* para a ferrugem, que está esgotado em todo o lado... Assim, já acredito que consiga... Pronto! Conseguiu! Agora vamos à segunda parte do filme...

Nessa altura, carregando na tecla F4 do computador, esperou um pouco e deu um salto de alegria:

— Já cá canta!

Se se lembram do início da narrativa talvez já tenham percebido o que se passou:

Uma armadilha, feita em rede de fio de aço, fora activada nesse preciso momento, e o pobre assaltante, preso como um chouriço, estava agora içado no ar, rodopiando a meio metro do chão!

Deixara cair a lanterna e o farol, mas não proferira uma palavra e pudemos ver como ele procurava desenvencilhar-se, desesperadamente mas em silêncio. Conseguira tirar do bolso a enorme navalha que o tornara famoso e tentava, em vão, cortar a rede!

Por isso é que o Coronel tinha querido que ela fosse de aço! Como é que já sabia disso tudo?!

Ouviu-se, primeiro, um resmungar em surdina:

— Faltava-me esta agora! Isto são coisas do maluco do Coronel...

E, pouco depois, um berro atoador:

— Ó careca! Tira-me daqui!!!

PARTE III

Vai ser preciso fazer agora um pequeno desvio na narrativa para se perceber melhor o que se passara:

O assaltante era o famoso «Joaquim-tira-tripas», também conhecido nos *bas-fonds* por «Jack-o-estripador», o mesmo que em tempos já assaltara a casa e roubara o Pentium II, (5) que depois revendera ao dono por um *preço de amigo*.

Ora o manhoso do Coronel conseguira, através de estranhas amizades que fizera nos *Newsgroups* de motos antigas, localizar um amigo de um primo de um cunhado do Joaquim... E tivera artes de o induzir a roubar um determinado modelo de farol... Precisamente aquele!!

— E o senhor teve esse trabalho todo para arranjar um ladrão que lhe viesse assaltar a sua própria casa?! – Perguntei, com a voz a tremer, quando, sem tirar os olhos do monitor, comecei a ouvir a estranha explicação.

Mas, agora, era preciso agir depressa e não havia tempo para grandes conversas. O Coronel levantou-se com decisão militar e decidiu:

— Escusas de te expor, Jeremias. Ficas aqui em cima. Vai à janela e acende e apaga a luz desta lanterna cinco vezes. É o sinal combinado para o carro-patrolha avançar. Os gajos da polícia estão ali na tasca a petiscar, mas vão ter que deixar os caracóis para mais logo. Eu vou lá abaixo à cave cumprimentar o nosso visitante e servir-lhe umas bolachinhas... Podes ficar a ver a cena pelo monitor.

E, rindo, abriu a porta secreta que o guarda-fato dissimulava (6). De seguida, um pouco trôpego e amparando-se na bengala, desapareceu pela escura passagem abaixo sem se dar ao trabalho, sequer, de acender a luz da escada.

Pouco depois pude ouvir ao longe a pesada porta de carvalho a ranger. E em breve, agora através do monitor, voltei a vê-lo pois, chegado à cave, acendera o candeeiro de petróleo e a câmara, atraída pela luz, passara a acompanhar-lhe os movimentos.

— Ora então muito boa noite! – Cumprimentou ele, virando-se para o *visitante*, como se fosse a coisa mais normal deste mundo.- Vai uma bolachinha, ou é preciso trazer café?

— Tira-me daqui, ó careca! Tira-me daqui que é melhor para as tuas tripas! – Foi a única resposta.

Vendo – como comentou - que *o diálogo não era possível*, baixou-se e recuperou o farol com todo o cuidado. Depois, virou-se para a câmara que filmava a cena e, sabendo que eu o estava a ver no outro extremo do circuito, explicou-me:

— O *Ferrugex* tem estado esgotado, e nem na Internet o consegui encontrar. Ora eu precisava dele, ou então de um gajo habilidoso que me conseguisse desapertar a porcaria destes parafusos, pois já há algum tempo que o farol tinha a lâmpada fundida. Assim, até arranjei as duas coisas! (7)

(1) Refiro-me à idade do Coronel, 85 anos. Mas a do Pato Donald também não deve andar muito longe...

(2) Esta senhora é uma personagem muito importante num livro, já escrito mas ainda inédito, intitulado «Jeremias, Consultor», em breve *on-line*.

(3) Assim, era-lhe mais difícil passar por *Rebo, o jovem oficial e cavalheiro, de olhos azuis e sonhadores* – como gostava de se apresentar nos *Chats*...

(4) «... Baratinov deu um pontapé com o pé direito... Escorregou e caaaaaaaaaaá!»

(5) Ver as histórias «Negativo!» e «"Hora" Bolas!»

(6) Ver a história anterior, «De motu proprio»

(7) Quando, à saída, lhe perguntei porque é que se metera em tantos sarilhos para uma coisa tão simples (que eu mesmo podia ter feito!), saiu-se com esta, enquanto, à laia de pagamento, me metia uma bolachinha no bolso da camisa: «Ora, Jeremias... é que eu não te queria maçar...»

A Grande Volta ao Mundo!



Se há coisa que eu gosto de fazer é de passear pelas lojas de ferro-velho. Nas feiras, passo por vezes tempos infinitos à procura de um parafuso ou de uma porca, e tenho pena que hoje em dia haja pouca malta nova com os meus gostos.

A informática é muito interessante, a Internet é uma loucura, mas também sinto imenso gozo em pôr a trabalhar um motor de rega e tentar fazer um *kart* com ele... Verdade se diga que nunca consegui, mas isso é outra história.

Ora, numas dessas minhas passeatas pelos sítios onde essas velharias se vendem e se compram, encontrei o meu amigo Coronel, de cócoras e com a bengala encostada a uma árvore, a escolher... correntes!

Não resisti a pregar-lhe uma pequena partida:

Aproximei-me por trás, pé-ante-pé, fiz sinal à vendedora para que não se *desmanchasse*, e, disfarçando a voz, exclamei:

— Cuidado, cavalheiro, que isso está ligado à corrente!

O Coronel começou por se assustar, mas depois riu a bom rir e fez uma grande festa por me ver.

Porém, tendo em conta que ele parecia estar em complicadas negociações, afastei-me um pouco e deixei-o regatear à vontade.

Finalmente, passado algum tempo, apareceu muito feliz e com um saco de plástico a arrastar pelo chão. Trazia, ao que tudo indicava, uma corrente muito pesada lá dentro.

Tinha, pelos vistos, comprado muitos metros dela!

— Então? Por causa dos assaltos vai ligar as portas à *corrente*? – Perguntei, esquecendo-me de que nunca se deve repetir uma gracinha.

— Nada disso... ando a preparar-me para entrar para o Guinness. E olha que não é tarde nem é cedo! Anda daí, que há lugar para nós os dois ficarmos famosos!

E, olhando em volta para se certificar de que ninguém nos ouvia, concluiu, em tom de grande segredo:

— Logo à noite aparece lá em casa. Trata-se de um trabalho que tem que ser feito a altas horas e com suprema confidencialidade!

«Pronto, mais outra maluqueira dele!» - E fiquei a vê-lo a encaminhar-se para a paragem do autocarro.

Mas, no fundo, são precisamente as maluquices do Coronel que o tornam uma pessoa tão interessante e uma companhia tão divertida.

E, assim, logo que acabei de jantar convenci a Mariana (1) a adiar a prometida ida ao cinema e lá apareci em casa dele.

Estava tudo praticamente às escuras, excepto uma pequena luz bruxuleante que saía de um pequeno postigo da garagem - «a cave dos grandes mistérios» - como ele gostava de dizer.

Bati à porta. Mas, quando eu pensava que ma abrisse, fez-me esperar imenso tempo e apareceu na porta principal da casa.

Depois, sem qualquer explicação, levou-me pelas escadas acima até ao último andar e em seguida conduziu-me, ao longo do corredor, até às águas-furtadas onde tinha o quarto.

Tirou a famosa chavinha do bolso esquerdo do colete, abriu a passagem secreta de que tanto gostava, e *voltámos a descer!!!*

Não comentei... e concentrei a minha atenção em tentar não cair por ali abaixo e – chegado à cave – em descobrir o que é que ele estava a fazer.

Andava, pelos vistos, *de roda das rodas* da mota! E, no chão, três troços, já cortados, da corrente que tinha adquirido...

Percebi, então, que ele os ia colocar em volta dos pneus como se quisesse usar a moto na neve! Mas qual neve, se estávamos no pino do Verão?!

Porém não lhe perguntei nada que pudesse fazer sobressair essa incongruência e limitei-me a ajudá-lo, numa tarefa que nos ocupou até altas horas da noite.

— Amanhã vêm buscá-la para a levar para *o ponto de partida*.

«Ponto de partida?! Mas partida de quê?! *Grande partida* estava ele a pregar-me a mim, pelos vistos!»

Preparava-me para me vir embora quando o Coronel, espantado, se virou para mim e inquiriu, quase ofendido:

— Olha lá! Então não me perguntas para que é isto tudo?!

Mas também não esperou pela resposta e, em vez de me deixar vir embora levou-me pela escada secreta até ao seu quarto.

Ligou o computador, acedeu à Internet, e mostrou-me uma enorme quantidade de páginas relacionadas com «Voltas-ao-Mundo»!

— Como eu pensava, Jeremias... Como eu pensava... Tanto quanto sei, ainda ninguém deu a volta ao mundo de moto. Pelo menos, em moto com *sidecar*. Se nos apressarmos, portanto, a glória pode ser nossa!

Bem... pessoas como o Coronel não podem ser contrariadas, muito especialmente quando têm os olhinhos a brilhar e se movimentam de um lado para o outro agitando enormes bengalas...

Limitei-me, então, a fazer um ar interessado e a perguntar, esforçando-me por não me rir:

— Quando é que partimos?

— Não tenhas pressa, jovem amigo. *Há um tempo para cada coisa e cada coisa tem o seu tempo*. Primeiro, há-de vir uma camioneta buscar a moto. Depois, será levada para um barco especialmente fretado. Ao fim de alguns dias de tempestuosa viagem pelo alto mar encapelado seremos prevenidos por *e-mail* de que poderemos, então, partir. Nessa altura iremos de hidroavião.

Fiquei na mesma, e passaram-se duas ou três semanas sem novidades.

— ooOoo —

Um belo dia, devido à minha nova actividade relacionada com a Internet nas Escolas, fui chamado para ir ajudar a Dra. Linotípica a preparar as aulas de Geografia.

Eu sempre fui um aluno razoável nessa matéria, mas especialmente em Geografia portuguesa. Confesso que, quando a coisa alarga um pouco os horizontes, tenho mais dificuldades.

Mas tudo se resolve, pois o que não se sabe também se aprende.

E foi assim que dei comigo, ao lado da simpática senhora, a ajudá-la a usar a Internet para preparar as lições que ia dar nos próximos dias.

Ora eu tive a brilhante ideia – por *associação de raciocínios* com o que se passara anteriormente – de propor que as aulas de Geografia abordassem qualquer coisa como «A Volta ao Mundo em 80 Dias», não só para levar a juventude a ler um livro fabuloso como para tornar as lições

mais divertidas, intercalando-as com algumas peripécias do Passepartout e do Phileas Fogg...

E assim foi.

Dado que eu tinha o livro bem presente (ao contrário da doutora. que – palpita-me – nunca o tinha sequer folheado...) foi-me fácil ir saltitando de país para país, de Oeste para Leste, ao sabor das peripécias contadas pelo *meu grande amigo Júlio*.

Ora aconteceu uma coisa muito interessante:

Ao acedermos à Internet, e num desses muitos sítios em que se mostravam esse e outros trajectos de voltas-ao-mundo feitas pelos mais incríveis navegadores, (2) reparei que a maior parte era feita a latitudes intermédias.

E pensei:

«De facto, uma volta-ao-mundo é uma viagem que, partindo de um determinado ponto da Terra, regressa ao mesmo sítio depois de **atravessar todos os meridianos** (3). Mas nada se diz da latitude a que isso é feito!»

Ao ver um enorme globo terrestre a um canto da sala levantei-me, dirigi-me a ele, e pu-lo a girar, devagarinho, enquanto procurava perceber a ideia do Coronel que cada vez me parecia mais disparatada.

Mas o certo é que, de facto, uma camioneta de transporte já tinha aparecido e levado a moto sabe-se lá para onde!

«Uma volta-ao-mundo como deve ser...» - eu continuava a olhar para o globo e a matutar enquanto o fazia rodar lentamente - «...devia fazer-se ao nível do Equador, pois de contrário, e no limite, alguém que fosse para junto dos pólos podia dar essa volta-ao-mundo até de triciclo ou a pé-coxinho!»

E foi nessa altura, quando já começava a fazer-se luz no meu espírito, que o meu telemóvel tocou.

Era o Coronel:

— Olha, o Aganugaruk, finalmente, escreveu! Diz que a máquina já lá chegou e podemos ir!

Eu não estava a perceber nada. Quem seria esse Aganugaruk?! Mas a dúvida durou pouco tempo:

— Aquele gajo é impecável! Vê lá tu que, para proteger a moto, até fez um *igloo* só para ela!

NOTAS:

(1) A Mariana era a namorada do Jeremias nessa altura (ou nessa semana?!).

(2) A começar pelo Fernão de Magalhães que, na realidade, morreu pelo caminho, nas Filipinas. A viagem, que iniciou em 1519 (no sentido Este-Oeste), foi terminada por apenas dezoito sobreviventes que chegaram a Sevilha em Setembro de 1522 sob o comando de Sebastião Del Cano.

(3) E duas vezes. Por exemplo: uma pessoa que queira dar a volta ao mundo cruzará o meridiano de Greenwich na longitude 0° e na longitude 180°.

Só à Porrada!



Uma das coisas que ultimamente mais me tem feito confusão são os candeeiros a petróleo que o Coronel usa com profusão e nomeadamente na garagem a que chama «a cave dos grandes mistérios»!

Mas enfim... gostos são gostos, e durante muito tempo ainda pensei que se tratasse de uma questão de economia, tanto mais que a reforma não é grande coisa e ele gasta o dinheiro quase todo em coisas de informática e em revistas do Walt Disney.

Bem... mas depois, quando comecei a ver que ele se referia à garagem naqueles estranhos termos, passei a encarar o fenómeno de outra forma:

De facto, não há dúvida que a luz bruxuleante de uma chama de petróleo, a altas horas da noite, numa divisão pejada de ratazanas, morcegos e baús... faz o seu efeito!

Ora, num sábado à tarde, quando estávamos na sala de estar a conversar e a ver um programa *pimba* de televisão, ele explicou-me o verdadeiro motivo:

— Nas centrais termoeléctricas consome-se energia fóssil (gás, fuel ou carvão) para gerar electricidade. Depois de muita trapalhada tecnológica que mete caldeiras, permutadores de calor, condensadores, alternadores e coisas assim, obtém-se electricidade que é distribuída pelas casas onde, por fim, é transformada em luz. Como é evidente e podes imaginar, isso é feito com um rendimento muito mau. Ora eu, que sou um ecologista, *poupo inúmeros passos!* Pelo menos na cave, transformo *directamente o petróleo em luz!*

Não comentei, pois, nestas coisas, sigo sempre os conselhos da Marília (1) e da D. Rosa (2): Dizem-me elas que, quando se fala com pessoas de certa idade, tem que se ter muito cuidado, pois às vezes não se pode contrariá-las.

E, por isso, eu fui *fazendo que sim* com a cabeça e procurei mudar de assunto.

Mas ele é que não largava o tema:

— Não sei se leste no jornal que andam para aí agora uns gajos a tentar usar a energia humana para alimentar os computadores... É a partir da energia cinética dos dedos quando a pessoa escreve...

Eu já tinha ouvido falar dessa invenção que, apesar de esquisita, sempre me parecia melhor do que a do PCP (3).

Deixei-o, então, divagar à vontade. Entre outras coisas, fez – rindo – estimativas de quanta energia eléctrica se podia obter a partir dos movimentos das pernocas das bailarinas que estávamos a ver na televisão...

E, quando me pareceu que ele já tinha dito tudo, e como estava na altura a cantar um infeliz qualquer, levantei-me, baixei o som do aparelho, voltei a sentar-me e perguntei:

— Muito bem, Coronel. E, no meio disso tudo, o que é que eu posso fazer?

— Eu não disse que podias fazer nada. Mas, na realidade e pensando melhor, acho que podes ajudar-me no meu novo projecto secreto. Quando estivermos de novo com a Dra. Sincronoscópica, naquela escola onde fomos na semana passada, lembra-me para lhe pedirmos ajuda para a parte teórica...

Eu cada vez percebia menos! *Parte teórica* de quê?!

A Dra. Sincronoscópica, de facto, era professora de electricidade, mas não me pareceu nada versada em computadores apesar de ter encarado a Internet na sua escola com grande entusiasmo.

Transmiti ao Coronel essa minha impressão mas ele – sempre distraído – levantara-se e ocupava-se agora em assistir, muito interessado, às evoluções de uma barata na alcatifa da sala! E, evidentemente, parecia não me ouvir.

Seguiu-se um longo silêncio durante o qual eu tive que esperar que ele, de gatas, acompanhasse o trajecto do animal até desaparecer por detrás do televisor (4).

Pôs-se então de pé, a custo, e repimpou-se de novo no sofá, deliciado a ver as garotas que, agora de novo em grande plano, se bambolevam no *écran* da televisão.

Tinha-se esquecido completamente do que estávamos a falar!

Mas eu resolvi espreitar-lhe a memória:

— ...olhe que não deve ser fácil, por exemplo, pôr a televisão a funcionar a petróleo...

— E quem é que quer pôr aqueles borrachinhos a funcionar a petróleo?! – Comentou ele, dando uma gigantesca gargalhada e uma enorme palmada no sofá.

Mas, depois de alguns instantes durante os quais recapitulou mentalmente a nossa conversa anterior, levantou-se e decidiu:

— Vamos então deixar *estas obras de arte* a gravar e subamos até ao laboratório ver o material de investigação ao vivo!

Laboratório?! Material de investigação?! Que história era essa?! Ele nunca me tinha falado em laboratório!

Mas em breve o mistério se dissipou:

Ele agora chamava *laboratório* ao seu próprio quarto que, com efeito, mais parecia uma oficina do que outra coisa!

E, quanto ao *material de investigação*, mostrou-me uma fiada de quatro aparelhos:

Um computador de bolso; um portátil com monitor de matriz passiva; e dois outros computadores de secretária, tendo um deles um *écran* de 14 polegadas e o outro um de 21.

Estavam todos aparentemente desligados.

Mas, de facto, isso era só aparentemente, pois, mal ele tocou em algumas teclas do primeiro, o *écran* iluminou-se e apareceu uma folha de texto com as letras correspondentes ao que ele teclara.

Repetiu o mesmo no outro, e o resultado foi o mesmo, só que um pouco mais lento.

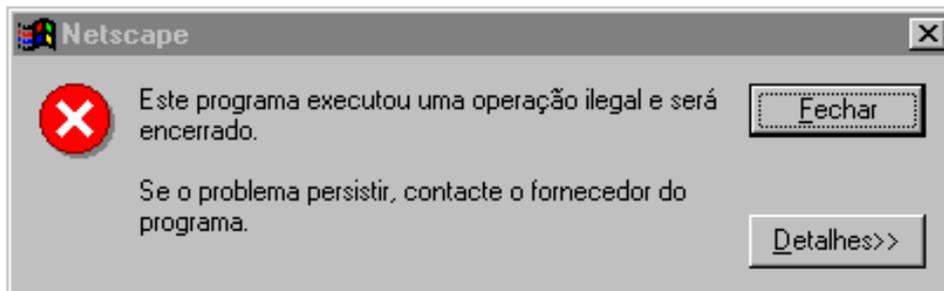
Com o terceiro a coisa ainda foi mais difícil e, com o maior deles, não foi mesmo feliz de todo.

Concentrou a sua atenção neste último, e explicou-me:

— Todos estes aparelhos *estão vivos*. E nos quatro está activa uma mesma folha de texto. Todos estão, também, equipados com a tal tecnologia *dita-revolucionária* que converte a energia dos dedos em electricidade. Só que ela não é suficiente quando o consumo é significativo, como vês... Assim sendo, no caso destes aparelhos mais *gulosos*, é sempre preciso tê-los ligados à corrente. Pode-se poupar alguma energia, mas não se pode dispensar totalmente o sistema convencional...

E, dizendo isso, introduziu, na tomada, a ficha correspondente ao computador maior e o monitor iluminou-se exibindo a tal folha de texto.

Só que, de súbito, apareceu uma mensagem: famosa:



— Ora que grande porr* !!!! É sempre a mesma merd* !!!! (5) –

Gritou o Coronel dando um valente murro no teclado.

Assustei-me, pois nunca o vira assim irritado nem a dizer palavrões!

Mas, pelos vistos, **era tudo teatro!** Sorrindo, tirou a ficha da tomada e explicou:

— Vês? Agora tem energia para 10 horas. Não achas uma ideia genial?

Notas:

(1) A Marília era a namorada do Jeremias à data em que esta parte do Diário foi escrita. Não tem aparecido nestas crónicas porque o espaço é curto e há que ser sucinto.

Além disso, e até à semana anterior, parece que a namorada era a Mariana.

De qualquer forma, esta *instabilidade emocional* do herói não é *politicamente correcta*, pelo que o autor tem instruções para não se alongar muito sobre o assunto.

(2) A D. Rosa é a extremosa *gestora da limpeza* da Makro-Teknica (www.digito.pt/jeremias) e da casa do Coronel.

É uma verdadeira especialista em *lições de vivência*, como se verá no livro «Jeremias, Consultor».

(3) Trata-se do PCP, o famoso «PC-a-Pedais», inventado por um homem-das-arábias, o Sr. Luís, que aparece pela primeira vez no livro «Crónicas da InforFobia». www.centroatl.pt/titulos/si/cronicas_da_inforfobia.html)

(4) A barata é que desapareceu.

(5) Por motivos de decência a editora resolveu omitir algumas expressões.

Porém, e dado que neste caso se descreve uma cena bastante frequente, a maior parte dos leitores saberá perfeitamente quais as duas letras que faltam no texto...

O Mistério do Centilitro Desaparecido

Quando, há dias, eu e a Florinda (1) íamos a passar à porta do Coronel, assustámo-nos: é que ia a sair, muito nervoso, o Dr. Matos Mata, (2) pelo que desconfiámos que alguma coisa podia não estar a correr bem. Mas ele esclareceu, sossegando-nos:

— Não é nada de grave, Jeremias. Por enquanto não é nada de grave...

Mas aproveitou para desabafar:

— A casmurrice dele é que me irrita! Olhem, sabem que mais? É muito difícil ser médico de pessoas assim!

E, já a entrar para o carro, ainda nos disse:

— Mas, já que vocês estão por aqui, batam-lhe à porta, entrem e distraiam-no um pouco... Ele não pode passar a vida só a navegar na Internet e a ver as bailarinas do «Big Show Sic»! E vai mesmo ter que cortar com o Whisky, quer queira quer não queira!

Assim fizemos, e foi com vivo prazer que o nosso bom amigo nos viu aparecer e nos mandou entrar.

Depois da habitual confusão devida ao facto de nunca acertar com o nome da minha namorada actual, fez-nos sentar na sala, serviu-nos café com bolachinhas-de-água-e-sal, e desatou a lamentar-se:

— Ando com tonturas, amigo Jeremias. Amanhã vais ter que ir sozinho à sessão da Internet nas Escolas... Mas podes, à mesma, levar a minha moto. Olha, e aproveita o facto de a professora ser de matemática para tentar descobrir o *mistério do centilitro*.

Confesso que fiquei atrapalhado quando o Coronel me deu conta da sua indisponibilidade, pois eu contava com a sua ajuda e com os seus conhecimentos matemáticos para me ajudar na visita à escola da Dra. Imaginária.

Bem... sempre podia levar a Florinda ao emprego no lugar do pendura no *sidecar*...

Mas... que história seria essa do *mistério do centilitro*?!

— ooOoo —

Desde que ando pelas escolas a divulgar o uso das *novas tecnologias* tenho aprendido muitas coisas e (como aconteceu desta vez) recapitulado outras de que já andava esquecido:

Uma delas tem a ver, precisamente, com os *números racionais* e *irracionais*.

O nome é manhoso, pois presta-se a trocadilhos tão fáceis quanto idiotas, permitindo chamar nomes às pessoas conforme dominam ou não o assunto.

Mas, afinal, *racional* vem de *razão*, com o significado de *relação* ou *divisão*.

Assim, qualquer número que se possa representar como sendo o resultado da divisão de dois números inteiros é um *número racional*.

É o caso do 0,2, do 0,25, do 0,5, do 1, do 1,5, do 2, do 5, etc.

(E adiante já perceberão porque é que escolhi estes exemplos).

Mas há um outro tipo de números que sempre me fez confusão:

Experimentem dividir 1 por 3 e verão que nunca mais conseguem acabar de fazer a conta, pois obtêm 0,333333... e assim sucessiva e indefinidamente, com “3” que nunca mais acabam.

No entanto, apesar de eu o classificar como *número esquisito*, ele é um *número racional* como os outros, pois é o *resultado exacto* da divisão de dois números inteiros.

— ooOoo —

Mas vamos então agora ao que interessa.

Devido a preocupantes resultados de análises ao sangue, o Dr. Matos Mata resolvera, recentemente, proibir o Coronel de beber quaisquer bebidas alcoólicas (3). O valente militar tem andado, pois, e a contragosto, a beber apenas águas, sumos, colas, chás e coisas dessas.

E foi nesse seguimento que descobriu uma estranha coincidência: que os volumes das embalagens são sempre *números racionais*!

1/5 (que é 0,2);

1/4 (que é 0,25)

1/2 (que é 0,5),

3/2 (que é 1,5)

4/4 (que é 1)

3/2 (que é 1,5)

para já não falar nas garrafonas de 2 litros e nos garrafões de 5 litros.

E, depois de expor isso mesmo, comentou, com cara de caso:

— Mas, no meio disso tudo, há uma exceção estranha: as omnipresentes embalagens de 33 centilitros!

E, levantando-se e passeando pela sala perante o nosso pasmo, começou a dissertar, esfuziante:

— Está-se mesmo a ver que a ideia inicial era fazerem-se embalagens com 1/3 de litro. No entanto, com esta história de arredondar o 1/3 para 0,33, aconteceu o seguinte...

Calou-se e olhou para nós, para ver se estávamos com atenção e a acompanhar o raciocínio.

Deu-se por satisfeito e prosseguiu:

— Tal como a coisa está, cada três embalagens correspondem a 99 centilitros em vez de 100. Houve, portanto, algum chico-esperto que decidiu organizar uma roubalheira generalizada de 1%, o que não é nada desprezável!

Voltou a interromper-se, e, como começou a olhar fixamente para uma mancha de bolor no tecto, receámos que se esquecesse do que estava a dizer.

Mas, depois de algum tempo, lá continuou:

— ... ora essa marosca, se for devidamente denunciada nos jornais, na rádio, na televisão e na Internet pode ser o fim dessa cambada!!

E concluiu, de olhos brilhantes e esbracejando:

— Mas estou a pensar usar o meu apurado senso comercial para tirar partido da coisa... Vou chantagear esses gajos, desde as Águas do Luso até à toda-poderosa Coca-Cola!! E vou enriquecer!!

De facto o nosso amigo Coronel não estava bem... Então agora dera em chantagista?! Que horror! Quem diria?!

E foi quando já vínhamos a sair, muito desiludidos, que a Florinda tropeçou em qualquer coisa que rebolou pela sala e eu apanhei do chão:

Uma garrafa (quase vazia...) de Whisky velho. E de 75 centilitros (aliás, 3/4 de litro).

Ora aí estava uma explicação racional!

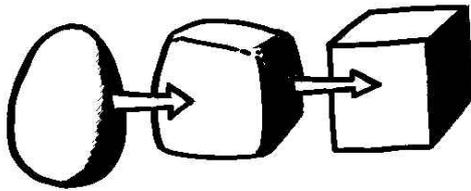
Notas:

(1) A Florinda era a namorada do Jeremias à data em que esta história se passou.

(2) É o médico da família e também da Makro Teknica (ver «Operação JEREMIAS»)

(3) Comenta ele:

«Vou mudar de médico! Se não me ponho a pau, aquele maluco corta-me tudo!» - Ao dizer as últimas palavras, ele sorri com ar malandro e esclarece: «Ultimamente, eu já só bebia às refeições e no intervalo. Agora, já nem isso ele me deixa fazer!»



Um Problema Bicudo

- **O**lha lá, ó Jeremias...

tu, que dominas bem a geometria de Euclides, estás a par do problema da *quadratura do círculo* (1)?

A pergunta, como não podia deixar de ser, vinha do meu amigo Coronel Reboredo.

E atirou-ma quando íamos a sair de mais uma das muitas intervenções que temos feito nas Escolas.

Limitei-me a *fazer que sim* com a cabeça e fiquei à espera do resto da conversa ou da pergunta seguinte.

Mas, como tantas vezes acontecia, ele já se esquecerá do que estava a falar; e olhava agora, muito interessado, para uma loira gorduchinha que esperava, sorridente e de perna traçada, na paragem do autocarro.

Pois já ele se estava a refastelar no banco do pendura (e eu a pôr a moto em andamento) e ainda não tinha percebido qual a finalidade da estranha questão que me pusera.

E na altura também não lho perguntei.

Mas, mais tarde, roído de curiosidade e enquanto já arrumávamos a máquina na garagem, não resisti.

E, grato pelo meu interesse, respondeu-me então:

— Ah... sim... a quadratura do círculo...

Depois, baixando a voz em ar de grande segredo (como tanto gostava de fazer) desabafou:

— Eu ando a fazer grandes e sigilosos estudos de geometria multi-dimensional.

— Sobre parábolas? – Perguntei eu, sabendo como ele se considerava especialista nessas curvas.

— Melhor! As parábolas são curvas planas e, como tal, limitadas espacialmente. Sofrem do mesmo mal que o círculo e o quadrado.

— E o que é que eu posso fazer quanto a isso, Coronel?

Era a pergunta típica-estúpida que eu fazia quando já não estava a perceber nada e a conversa ameaçava ficar inacabada.

— Não podes fazer nada, amigo Jeremias, não podes fazer nada, a não ser acompanhar o meu raciocínio. Estás com pressa?

Por acaso até estava, pois começava a fazer-se tarde para ir buscar a Genoveva (2) à faculdade.

Mas, vendo que se aproximava mais algum grande mistério, a curiosidade foi mais forte e disponibilizei-me para ouvir o resto pensando que fosse coisa rápida.

Mas muito me enganava! Entusiasmado, pegou-me pelo braço e anunciou:

— Então vamos até à *sala dos grandes estudos espaciais!*

Como já se percebeu, o quarto dele ia mudando de nome conforme o que lá fazia...

E procedeu-se ao ritual do costume:

Uma vez entrados na garagem, e enquanto eu fechava a porta por dentro, ele riscou um fósforo com que em seguida acendeu um candeeiro a petróleo.

Depois abriu a enorme porta de carvalho que dava acesso às escadas e lá fomos nós, tropeçando aqui e acolá pela passagem secreta acima... até sairmos, através do inevitável guarda-fato, no quarto dele!

Sentou-se à secretária, visivelmente fatigado mas satisfeito, e ligou o computador.

Enquanto o Windows *aquecia* (eram as palavras do Coronel...) abriu o inevitável pacotinho de bolachas-de-água-e-sal, ofereceu-me uma e confidenciou-me:

— Resolvi subir – ou melhor: *incrementar* - um *degrau dimensional* no problema da quadratura do círculo, que já se torna cansativo.

Eu devo ter feito cara de quem não percebia nada, pois ele passou a explicar, enquanto ia tecendo:

— Resolvi dedicar-me ao problema equivalente, mas, para já, apenas a três dimensões: *o problema da cubicagem da esfera!*

Não era preciso perguntar mais nada:

No monitor já se via uma esfera, branca e perfeita, lado a lado com um cubo da mesma cor.

Mas, para meu grande espanto, e devido a um programa de *morphing*, a esfera começou a deformar-se ligeiramente, alongando-se na parte inferior, e ficando com a forma de um ovo!

Já esperando a minha reacção, o Coronel comentou, rindo:

— Um dia, um aluno de Euclides perguntou-lhe qual a utilidade da geometria que ele ensinava. O velhote ficou furioso, e com alguma razão. Só um idiota faria uma pergunta dessas. Talvez por isso tu te estejas a inibir de me perguntar para que serve o que estou a fazer...

— Nada disso! – Comentei, desculpando-me, mas mentindo descaradamente. Estou até a seguir tudo com muita atenção...

— Mas confessa lá que não percebes aonde eu quero chegar!

Reconheci que era esse o meu problema. Ele continuou:

— Trata-se de fazer algo de muito útil: produzir *ovos cúbicos*.

E continuou a manipular a imagem do ovo... Confesso que me senti idiota, assistindo à sua deformação, através de alguns comandos simples com o rato e o teclado, da figura do ovo num cubo...

— Já viste que melhora muito a arrumação nas caixas?

Tive que concordar.

Mas, vendo que eu não desenvolvia a conversa, ele mesmo continuou:

— Pois ficas a saber que isto até já existe há muito tempo. Já houve um inventor que, usando produtos para amolecer temporariamente a casca dos ovos, conseguiu que fossem posteriormente moldados em forma cúbica ou, pelo menos, prismática.

Pois agora é que eu não percebia mesmo nada! Então, se essa coisa esquisita já estava inventada, o que é que ele queria mais?!

— Agora entra a engenharia genética, caro amigo! A engenharia genética! Trata-se de manipular geneticamente as galinhas para darem, logo à partida, ovos cúbicos!

Foi a custo que contive o riso...

Mas ele não se importou e, ligando-se à Internet acedeu a uma *home-page* de um outro indivíduo que, pelos vistos, andava a tentar resolver o mesmo problema!

Bingo! Em vez de um maluco já havia, pelo menos, dois!

Mas o Coronel explicou:

— Este gajo debate-se com um problema que ainda não conseguiu resolver. E a minha esperança está, precisamente, em conseguir tornear essa dificuldade e passar-lhe à frente!

Depois de um longo silêncio em que, mais uma vez, pensei que ele se tivesse esquecido de mim, prosseguiu:

— É que o gajo não consegue obter a colaboração das galinhas... Elas, pura e simplesmente, *recusam-se a pôr ovos cúbicos!*

Não resisti a um trocadilho, por forma a justificar a gargalhada:

— Vendo assim o problema do ovo... a questão parece-me bastante *CLARA!* O homem deve ser *CASCA-GROSSA...*

Mas ele não se apercebeu da gracinha, pelo que mais me espantei quando concluiu, muito sério:

— Pois é... devido aos vértices dos cubos, ele não consegue arranjar nenhuma galinha que não *GEMA...*

(1) Trata-se de um problema clássico e insolúvel:

Determinar (usando apenas compasso e régua), o lado que um quadrado deve ter para que a sua área seja igual à de um círculo dado.

(2) A namorada do Jeremias nessa semana...

As Coxinhas



A nossa actividade relacionada com a Internet nas Escolas continua imparável. A minha fama e a do Coronel têm-se propagado como fogo em palha seca e os pedidos para aparecermos têm sido mais do que os que podemos satisfazer.

Assim sendo – o que é perdoável – temos procurado privilegiar as disciplinas que dominamos melhor: Geografia Portuguesa, Geometria, Matemática, História de Portugal, Física, Electricidade, Electrónica e Informática.

Por isso foi com grande espanto que fui dar com o Coronel a navegar na Internet preparando uma intervenção sobre Ciências Naturais!

E ali estava ele, a fazer pesquisas sobre Zoologia e a decorar (ou a relembrar) falando sozinho:

— Os insectos... têm três pares de patas; os aracnídeos... têm quatro pares de patas; os crustáceos... têm cinco pares de patas...

Depois, ao ver-me aparecer, comentou, feliz da vida:

— Ainda me lembro disto tudo, amigo Jeremias! Ainda me lembro disto tudo! Vêm, no fim, os miriápodos com sei-lá-quantas patas!

Fiquei satisfeito por o ver tão entretido com isso, pois já começava a ser doentia a sua obsessão relacionada com o problema dos ovos cúbicos!(1)

— Não é obrigatório que sejam cúbicos! – Explicava ele quando andava nessa fase de maluqueira – O importante é que se encaixem bem uns nos outros, por forma a não deixar espaços desaproveitados.

E desatava a descrever as inúmeras figuras geométricas que podiam servir para os seus ovos:

Prismas triangulares, rectangulares, hexagonais... eu sei lá!

Só que não tinha sorte nenhuma, pois não o deixavam patentear nada desde que alguém, antes, registara a patente dos ovos cúbicos!

Mas, como se lembram, ele reagira passando a estudar **engenharia genética**, por forma a introduzir **uma grande melhoria**:

Em vez de se modificar a forma dos ovos depois de as galinhas os porem, a ideia era fazer com que elas os produzissem, logo à partida, com a forma pretendida.

Só que, e como também lemos, elas negavam-se a colaborar e a Sociedade Protectora dos Animais já ameaçava intervir!

Mas ainda o pude ver, um dia, fechado na capoeira da minha prima Ana Crónica, tentando hipnotizá-las para as convencer a aceitar a ideia de porem ovos prismáticos...

— Até já estudei a psicologia delas, amigo Jeremias! Já li tudo o que encontrei na Internet sobre a mente das galinhas... Mas, em termos de resultados práticos, não avancei nem um milímetro! Elas, de facto, não colaboram!

De qualquer forma, e como atrás disse, de um momento para o outro calou-se com essa história dos ovos e não o ouvi falar mais do assunto.

Ontem, não sei a que propósito, convidou-nos para jantar (a mim e à minha actual namorada).

— Apareçam cá para jantar! Tu e a... a... a... Bolas! Como é que se chama a querida que tens agora???

O Coronel sempre teve alguma dificuldade em saber o nome das minhas namoradas. Mas eu e a Janette lá aparecemos, à hora combinada.

A mesa já estava posta mas, como parece que era cedo, sentámo-nos os três na sala-de-estar e ficámos a ver a telenovela.

Só que o tempo foi-se passando... foi-se passando... e, quanto a comida, nem vê-la!

Eu e a Janette já estávamos a ficar com uma fome dos diabos, mas também não dizíamos nada. O que seria o jantar? O certo é que não cheirava a coisa nenhuma, e a cozinha estava toda arrumadinha. Ter-se-ia esquecido?!

De súbito, tocaram à campainha. Eu mesmo me ofereci para ir abrir a porta. E, qual não foi o meu espanto, quando vi a minha prima Ana

Crónica, muito aperaltada, trazendo na mão um enorme embrulho quadrado.

Entrou, sorridente e pedindo desculpa pelo atraso, e só nessa altura é que reparei que a mesa tinha quatro talheres postos.

O Coronel tinha convidado a Ana para jantar! Bem me palpitava que o maroto andava de olho nela...

Mas, para convite, não estava nada mal pensado, pois vim a perceber que era a convidada quem trazia a comida: uma enorme *pizza*.

— E de galinha! Pois que mais podia ser, depois de tanta conversa sobre essa bicharada?! – Comentou ela, rindo, ao pô-la sobre a mesa como se já fosse a dona da casa.

Quando estávamos sentados reparei que a *pizza* tinha, a guarnecê-la, seis coxas com óptimo aspecto! E achei por bem corrigir, dizendo uma gracinha:

— Isto não é *pizza* de *galinha*, malta! É de *galinhas* pois tem, pelo menos, o *material* de três!

E foi nessa altura, enquanto distribuía uma coxa a cada um, que a Ana, rindo, explicou:

— Aqui o queriducho do Coronel diz que há-de pôr o meu negócio de *pizzas* de galinha a facturar muito! Isto que aqui está é de uma única ave!

Vim a saber que, com essa coisa da engenharia genética, ele queria injectar, nas galinhas, genes de centopeia. De mosca, pelos vistos, já conseguira!

(1) Ver a história anterior: «Um Problema Bicudo»

O Vírus do Alarcão

Nota da Editora:

Dado que acabou de nos chegar um texto muito interessante, decidiu-se fazer aqui um pequeno parêntesis nas aventuras do Coronel Reboredo.

Para se compreender em toda a sua plenitude a história que agora se conta, seria útil que o leitor tivesse conhecido uma **pessoa** e uma **empresa**:

A **pessoa** é o Alarcão d'Albuquerque, Chefe dos Serviços de Informática da Makro-Teknica. Trata-se de um indivíduo extremamente complicativo (conhecido pela sua recusa em aceitar que as coisas possam ser simples), e é um dos muitos anti-heróis do livro «Operação JEREMIAS» (1).

A **empresa** é a Super-Idiotas, onde pontifica o Sr. Epaminondas, cúmplice de uma refinada partida feita ao nosso herói por um programa de televisão (2).

Pois embora Jeremias não seja muito dado a guardar rancores não resistiu quando se lhe deparou a possibilidade de uma divertida (mas não inofensiva!) vingança:

Arranjou artes de o Alarcão ir trabalhar, precisamente, para a Super-Idiotas!

Já se viu maior crueldade?!

Mas, à parte isso e de vez em quando, o Epaminondas até encomenda trabalhos ao nosso amigo que, assim, vai compondo o seu orçamento.

E a história de hoje é precisamente acerca de um desses estranhos trabalhos...

--oOo--

«**E**stava eu calmamente a ver um jogo de dominó na sede do Clube Filantrópico quando dei por mim a magicar como é que havia de resolver o problema da comunicação científica que me haviam encomendado da Super-Idiotas.

Vou explicar melhor o caso, mas é preciso recuar um pouco no tempo...

--oOo--

Pouco depois da tal história do Patinho de Ouro eu e o Epaminondas acabámos por fazer as pazes e, em breve, eu até estava a trabalhar para ele na base da biscatada e a dar-me muito bem com o esquema.

Como, em geral, se trata de trabalhos para eu fazer nas horas do descanso, desde que não apelem muito para a minha criatividade, tudo bem.

Só que o problema, dessa vez, veio precisamente daí:

Encomendou-me um trabalho difícil, deu-me apenas as linhas gerais, e eu ia ter 24 horas para produzir um estudo técnico-filosófico que ele queria apresentar no Congresso de Altos Estudos Idiossincráticos como se tivesse sido feito por ele.

Acontecera que, tendo já por várias vezes perdido a cabeça com o Alarcão e outros indivíduos parecidos, o Epaminondas notara que, vezes demais, os seus Chefes dos Serviços de Informática eram pessoas muito dadas a complicar o que era fácil...

Ora o mesmo Epaminondas descobriu que a informática se desenvolveu, muito especialmente, entre os dois grandes eclipses parciais do Sol: o de 1984 e o de Agosto de 1999.

Assim sendo, e na sua mente preclara, germinou a ideia de apresentar um trabalho que tentasse relacionar as duas coisas!

E ali estava eu, com a encomenda de escrever uma “comunicação científica” intitulada:

A influência dos eclipses parciais do Sol na mente de alguns Chefes de Serviços de Informática

Claro que a ideia ainda era mais idiota do que os patuscos que ele pretendia fustigar, mas a minha função era enjorcar um artigo e não fazer considerações sobre o pensamento do Cliente.

Bem... o pior é que as horas iam-se passando e o meu cérebro não funcionava. E propunha-me eu fazer comentários menos agradáveis sobre o funcionamento do cérebro dos outros!

De facto, por mais que pensasse... pensasse... nem sequer sabia por onde havia de começar.

E o tempo a decorrer... e o Epaminondas à espera... e a inspiração que não vinha!

De súbito, ao passar os olhos por um jornal que por ali estava, li:

«Novo vírus provoca danos terríveis!»

Mas tratava-se, mais uma vez, de um estranho fenómeno de que muitos de nós já fomos vítimas.

Explicando melhor:

A par dos *enfants terribles* que se entretêm a inventar vírus mais ou menos incomodativos há os que, sendo incapazes de o fazer, arranjam outra forma de chegar ao mesmo resultado e com muito menos esforço:

Limitam-se a enviar meia-dúzia de *e-mails* a alguns incautos com um texto do género:

Cuidado!!!! Novo vírus!!!!

A IBM avisa toda a comunidade:

Se receber uma mensagem com o título

***GANHE FÉRIAS EMOCIONANTES**

COM PULGAS SALTITANTES*

deve apagá-la de imediato!!!!

Claro que a mensagem não é só assim.

Depois de descrever algumas coisas que o vírus supostamente faz e desfaz... termina com um apelo lancinante e irrecusável:

«URGENTE! Avise este mundo e o outro!»

Regra geral, o primeiro tanso que a recebe reenvia-a para todos os amigos e conhecidos, os quais, fazendo o mesmo, entopem a breve trecho tudo quanto é *server*, central telefónica e rede informática, pondo aquela tralha toda a babar-se e a deitar fumo... (3)

--oOo--

E foi assim que tive uma grande e perversa ideia:

Para ganhar tempo (o tal precioso tempo de que tanto estrava carecido para fazer o trabalho), dei um salto ao ciber-café ali ao lado e enviei um *mail* desse tipo *replicante* para o cliente a quem ficara de mandar, por correio electrónico, o trabalho que ainda nem sequer tinha começado.

Tive o requinte de o endereçar, não ao Epaminondas propriamente dito, mas sim ao Alarcão d'Albuquerque, agora armado em Chefe dos Serviços de Informática daquela casa de malucos, e que sempre se arvorara em super-cérebro esclarecido.

Tal como previra, o resultado não se fez esperar:

--oOo--

«Está? Jeremias?!» - era o Epaminondas ligando-me agora por telemóvel - «Houve aqui uma grande desgraça! Você deve estar a tentar enviar o trabalho, mas não vai dar... Isto está aqui uma grande confusão e os computadores estão todos com um vírus esquisito! Deixe estar...

podemos esperar até amanhã, que entretanto o Alarcão há-de resolver o problema!»

Senti voltar-me a inspiração!

Pouco depois, e já em casa, inspirado e motivado, iniciei e terminei rapidamente o trabalho prometido.

Mas, no dia seguinte, e quando finalmente ia fazer o envio, recebi um novo telefonema do Epaminondas:

«Jeremias?! Não mande nada ainda! Isto aqui está tudo doido! Veja lá que afinal se tratava de um falso vírus! Mas o problema agora é outro!» - e lá me contou a história toda - «O pior é que o burro do Alarcão, quando soube que se tratava de um falso vírus, enviou um segundo *mail* à malta toda!»

E nem era preciso dizer-me o seu teor:

«Caros colegas! Atenção! Se receberem uma mensagem a avisar que vem aí um vírus, não a abram nem a divulguem!!! É tudo mentira! Avisem todas as pessoas desse facto!»

(1) <http://www.digito.pt/jeremias/>

(2) Ver «O Misterioso Caso do Patinho de Ouro», em «Jeremias e as Incríveis Consultas do Dr. Reboredo»

(3) O meu espírito caridoso impede-me de divulgar nomes de revistas especializadas e Suplementos de Informática que já vieram a «PÚBLICO» divulgar alguns destes estranhos vírus...

Sociedade sem Papeis

**BEM-VINDO SEJA
SE BENVINDO FOR**

-Com esta história de passarem a vida a alterar os números de telefone, os indivíduos das companhias são muito chatos!

Não bastava os Correios terem alterado há pouco tempo os códigos postais?! (1) E ainda dizem que é tudo para nosso bem e para nos simplificar a vida! Palpita-me que deve lá trabalhar o Alarcão... (2)

Quem assim desabafava, muito aborrecida mas refastelada no *meu* sofá predilecto da sala do Coronel Reboredo, era a minha prima Ana Crónica.

E já vamos perceber porquê.

--oOo--

Ultimamente ela, tal como eu, tem aparecido com muita frequência lá em casa.

Mas enquanto eu o faço, essencialmente, para preparar as nossas intervenções nas escolas, a Ana fá-lo por outros motivos bem mais românticos:

Meteu-se-lhe na cabeça que, sendo ela viúva e ele viúvo (e ambos em muito bom estado), nada podia impedir que... enfim... quem sabe...?

Pois o nosso valente militar não se deixara ficar para trás no desafio, e até tivemos que combinar um pequeno truque entre cavalheiros:

Ele, depois de muito magicar como é que me havia de prevenir quando as minhas visitas podem ser *inoportunas*, arranjou um pequeno motor eléctrico e... bem... a ideia até é muito simples:

Sempre que eu vir que o galo do catavento do telhado está a andar à roda é sinal de que *não devo* tocar à campainha! Pode parecer uma maluquice, mas são precisamente essas coisas que tornam o Coronel uma pessoa tão divertida!

Voltemos, então, ao nosso assunto:

Um belo dia, ia eu a passar à porta dele, quando vejo o tal galo a andar à roda desarvoradamente.

Sentei-me no banco do jardim que há ali em frente, esperei, li o jornal todo, voltei a esperar, voltei a ler o jornal (agora de trás para a frente)... até que ao fim de uma eternidade o boneco abrandou... e lá parou, depois de ainda estrebuchar um bocado...

Dei mais algum tempo... e toquei à campainha.

--oOo--

Como ia dizendo, a Ana queixava-se por ter que repintar o toldo do supermercado e deitar para o lixo todos os envelopes, facturas, recibos e guias de remessa (onde constavam o código postal, o número de telefone e o de telefax), que iam ficar desactualizados.

Mas, de súbito, o seu rosto iluminou-se!

— Aquilo que é mau para a caça pode ser bom para o caçador... - Exclamou.

O adágio, tanto quanto sei, não é bem assim, mas em breve percebi onde ela queria chegar:

— Porque é que nós não abrimos um negócio de *correctores*?

Claro que não tinha nada a ver com correctores da Bolsa. Ela propunha, simplesmente, que nós ganhássemos dinheiro corrigindo esses milhões de papeis dos infelizes que, de um momento para o outro, se vêem possuidores de infinitos documentos desactualizados.

E essa ideia não veio por acaso. É que quando, há algum tempo atrás, a Ana resolvera modernizar a loja, fora preciso emendar a tabuleta que ela colocara à porta:

* SEJA BENVINDO!*

E eu até me meti com ela, comentando:

— Queres que eu *seja Benvindo*, mas prefiro continuar a *ser Jeremias*...

A coisa dera alguma discussão, o Coronel também se metera na conversa, e o assunto só acabou quando, através da Internet, acedemos ao incontornável «Ciberdúvidas da Língua Portuguesa» (2).

E lá emendámos a tabuleta, com tal arte que ela nunca mais se esqueceu.

Mas voltemos ao que estava a contar:

Sendo pessoa fácil de se entusiasmar com novas ideias (ainda por cima vindo esta da minha prima...) o Coronel começou logo a tratar de pôr o negócio de pé.

— Antes do mais vamos fazer uma *prospecção de mercado*. Venham comigo.

E lá fomos os três até às águas-furtadas, ao quarto onde ele dorme e tem os computadores, e a que nesse dia chamava *Sala dos Altos Estudos de Marketing*.

Fiz vista-grossa ao facto de a cama demonstrar um certo desalinho e concentrei a minha atenção em ajudá-lo a afixar na Internet o nosso anúncio.

E pouco mais fizemos, pois decidimos esperar por possíveis clientes antes de começarmos a gastar dinheiro no material necessário.

Ora, quase de imediato, recebemos uma mensagem de um indivíduo que pedia para ser recebido.

O nosso primeiro cliente!!

Descemos de novo para a sala e esperámos, emocionados, que ele aparecesse.

Minutos depois abríamos a porta a um jovem com ar sonolento, de brincos nas orelhas e argolas no nariz.

— Vocês, então, corrigem...?

— Corrigimos tudo, *meu!* – Respondeu o Coronel procurando, com essa expressão, mostrar que estava sintonizado com a juventude – Números de telefone, de fax, de código-postal e de tudo o mais!

— E em qualquer local, lado e sítio?

— Tu o disseste, *meu!* *Bora* lá ver isso! Arregacemos as mangas e *ao trabalho!*

Pareceu-me que o Coronel exagerava nos termos e se mostrava confiante demais...

— *Baril!* – Respondeu o jovem, arregaçando, de facto, as mangas – Toca a começar! Qual de vocês é o especialista?

Esqueci-me de esclarecer que o tipo entrara sem esperar que o convidassem, e sentara-se exactamente – também ele! - no sofá onde eu habitualmente me repimpo.

Mas não estávamos a perceber nada!

— Começar... começar por onde?! Onde é que estão os papeis para emendar?! – perguntei eu, já desconfiado, e olhando o fulano de esguelha.

— *Papeis?!* – retorquiu ele, espantado – Então não estamos a caminho da *sociedade-sem-papeis?!*

Bem... só vos digo que eu nunca tinha visto braços tão tatuados!!

(1) O número de telefone da Ana, em tempos, começava por 80...; depois, passara a 840...; agora ia apanhar com mais dois dígitos em cima. E o seu Código Postal fora contemplado com um tracinho e mais 3 dígitos de que ela nunca conseguia recordar-se.

(2) Referência ao mui-nobre e baralhativo Alarcão d’Albuquerque, por alcunha «O Complicador», estranha e altiva personagem descrita em pormenor no início do livro «Operação JEREMIAS» e que, por acaso na história anterior («O Vírus do Alarcão»), voltou a dar inquietantes sinais de vida...

Tipos destes têm de estar sempre debaixo de olho e não podem ser deixados à solta!

(3) <http://www.ciberduvidas.com>

Vim a saber que, de facto, ainda há muita gente que confunde *Benvindo* (que é nome de pessoa) com *Bem-vindo* (no sentido de saudação).

Não morre ninguém por isso mas, quando se trata de afixar simpáticas tabuletas à entrada das localidades, a coisa é diferente pelo mau aspecto que dá:

BENVINDO
À TERRA
DA
ILITERACIA!



A Traição da Tradição

Olha lá, ó Jeremias, o que é que tu achas da tradição? Refiro-me à Tradição com "T" grande, é claro.

Quem assim falava era o meu primo Agapito, o ex-agente da Pide-DGS de que já vos falei em crónicas anteriores (1).

«Pronto» - pensei eu - «Mais um chato a querer discutir os touros de morte em Barrancos!»

Mas não era nada disso.

Ou melhor:

Não era "bem isso" que ele queria abordar, como me esclareceu em seguida:

— Ó pá, eu quero lá saber dos touros de Barrancos! Para mim, no Alentejo, aquilo era tudo "de morte"! Touros, toureiros, alentejanos... Eu, se pudesse, matava aqueles gajos todos... Ah, *que saudades da tradição* que havia para aqueles lados antes do 25 de Abril! Aquilo é que era tradição!

E ficou a olhar para o céu, com ar sonhador, lembrando os *bons velhos tempos*...

Eu até estava a pensar em não lhe dar troco.

De qualquer forma, afastando-me e procurando dar a conversa por encerrada, ainda comentei:

— Isso de invocar a tradição como argumento definitivo é das coisas mais idiotas que tenho ouvido! Nos transportes públicos também há a *tradição* dos carteiristas fazerem pela vida, e na nossa família também havia a tradição de os pais darem enxertos de porrada nos putos...

Ele não apreciou o tom do meu comentário e ripostou, agastado:

— Boa! Tiraste-me a boca das palavras e as palavras da boca, pois até foste buscar um bom exemplo! Logo essa tradição da porrada nos putos é

que foi uma pena ter-se perdido! E a ti muita falta te fizeram duas lambadas, se calhar! Eram os tais «safanões dados a tempo», como dizia o Chefe que Deus tem... (2). Pelo menos tinhas aprendido a não falar nesses modos às pessoas mais velhas, como eu!

A conversa começava a tornar-se particularmente irritante, e eu estava mesmo a imaginar o Agapito, nos seus velhos tempos, a *pôr a tradição a funcionar* quando apanhava a jeito um opositorista...

Mas ele, abandonando o tom agressivo, sentou-se e sorriu:

— Já que queres saber, sempre te digo que essa coisa de Barrancos, para mim, até foi porreira. Abri um bar com o nome de «BAR RANCOS», e, quando, em Agosto, o pessoal começa a falar da coisa, aquilo enche-se de clientes!

Mas, afinal, e conforme vim a saber pelo decorrer da conversa, havia uma *determinada tradição* que lhe estava a criar engulhos:

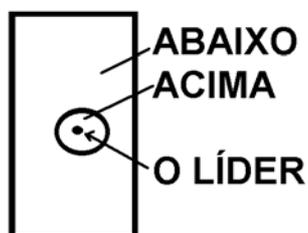
Era a tradição de, nos casamentos, colocar pedacinhos de véu da noiva nas antenas dos carros:

— Vê lá tu: como sabes, a minha filha casa-se amanhã. Vai muita gente... montes de convidados, amigos, ex-colegas da *corporação*... No fim aquela malta toda vai meter os trapinhos brancos nas antenas dos carros. Até aqui tudo bem, é a tradição. O pior é que, quando formos a passar em frente à Embaixada dos Estados Unidos (onde há para lá agora manifestações de *comunias* a favor dos gajos de Timor), podemos ser confundidos com aquela corja de democratas, todos eles também com trapinhos brancos! Se calhar o melhor é alterar o trajecto. O que é que achas?

(1) Ver o capítulos «O Meu 25 de Abril» e «O Meu 1º de Maio» em <http://www.digito.pt/reboredo>

(2) Expressão usada por Salazar, comentando (e justificando) os tratamentos menos carinhosos que a polícia política dava aos seus utentes.

A Ilha Continental



-O lha lá, ó Jeremias, tu conheces algum *site* da Internet que tenha um bom mapa de Portugal?

Estranhei que o Coronel me pusesse essa questão, pois não estava prevista, para os próximos tempos, qualquer intervenção nas escolas acerca desse assunto.

Mas eu também já estou habituado a que ele me faça perguntas esquisitas e, devido ao seu gosto pelos mistérios, se esquive depois a explicar do que se trata.

Lá lhe dei algumas pistas e não voltei a pensar mais nisso.

Só que, na semana seguinte, ele me fez um estranho convite:

— Gostava que conhecesses um rapaz, o meu grande amigo Major Loureal. Vem cá hoje jantar a casa e era bom que também aparecesses com a tua namorada. Como é que ela se chama agora?

E assim foi. À hora combinada lá estava eu, com a Manuela, a tocar à porta e, pouco depois, a ser apresentado a um façanhudo militar de longa pêra e grandes bigodes: o Major Loureal.

Ao princípio embirrei um bocado com o ar altivo do cavalheiro, mas depois apercebi-me que ele devia ter tido algum acidente: andava com um colarinho ortopédico, e isso fazia com que a cabeça, ficando naquela posição esquisita, lhe desse um porte arrogante e superior.

Durante o jantar a conversa foi essencialmente entre os dois militares, que, embora com vinte anos de diferença de idade, recordaram velhos tempos de verdadeiras ou falsas glórias. Eu e a Manuela limitávamo-nos a ouvir, deliciados.

Por fim, acabada a sobremesa, o Coronel anunciou:

— Pronto. Então subamos para a Sala do Directório Político.

Era o nome que, pelos vistos, ele dava nesse dia ao seu quarto!

E lá fomos todos, escada acima, mais trôpegos uns do que outros, até às águas-furtadas onde, cansados e um pouco apertados, nos sentámos à mesa onde estavam os computadores.

O nosso amigo, então, ligou aquele que tinha o monitor maior e em breve pudemos ver um mapa de Portugal Continental, enorme mas muito estilizado.

Na realidade o que ali se via era apenas um rectângulo, e percebia-se o que representava porque estavam assinaladas algumas cidades.

Havia, além disso, três linhas que o dividiam de outras tantas maneiras. Mas já lá vamos a essa parte.

O Coronel, então, virando-se para mim e para a Manuela, começou a desvendar um pouco do mistério:

— Aqui o nosso major está reformado e não tem nada que fazer. E, como tem umas massas para investir, eu sugeri que se candidatasse a líder regional. Além do mais, *regional* rima com *Loureal*.

«Pronto! Outra maluquice do nosso homem!» - pensei eu, divertido. Mas nada disse, e limitei-me a recostar-me na cadeira e a prestar atenção ao que aí vinha...

O outro, homem dos seus sessenta e tal anos (um *rapaz*, aos olhos do Coronel!), gorducho e – como já disse – de enorme bigodaça, estava feliz da vida. Mantinha-se em silêncio, e tudo se passava como se tivesse entregue o seu destino nas mãos do companheiro de armas!

— A primeira coisa que o nosso major vai ter que fazer é apadrinhar uma equipa de futebol. Com tantos coxinhos que a gente vê por aí, não lhe vai ser difícil comprar meia-dúzia deles nos saldos futebolísticos da temporada...

— Mas assim não vai longe! – comentou a Manuela.

— Não percebes nada de bola! Ele só precisa de pôr onze trôpegos em campo. Depois, é fácil...

Eu mesmo completei a explicação, visto que, devido ao longo estudo científico dos abundantes jornais desportivos que há no Clube Filantrópico, já sabia como essas coisas funcionavam:

— Se a equipa ganhar, ele dirá que isso prova a superioridade da região dele sobre o resto do país. Se perder, dirá que a culpa é dos árbitros.

O aceno de cabeça dos dois militares mostrou-me que o meu raciocínio estava perfeito.

Mas havia um pormenor que me estava a escapar e resolvi perguntar:

— Mas o Sr. Major quer ser líder regional... de que região?!

— Ora aí é que bate o ponto! – Respondeu o próprio. – Está já tudo muito ocupado... Há os gajos do Norte, que dizem que os males vêm do Sul; e os vice-versa. Há os do interior, que dizem que os males vêm do litoral; e os vice-versa. Há os das ilhas, que dizem que os males vêm do Continente; e os vice-versa. Por isso falta-me espaço político. Não sei como é que vai ser...

Estava então quase explicado o grande mistério! Faltava apenas o epílogo, que se avizinhava, pelos vistos.

O Coronel começou então a explicação detalhada da sua ideia:

— Temos aqui este rectângulo que representa Portugal Continental. E estão aqui já marcados: a aldeia do nosso Major, o paralelo médio (que divide o território em Norte e Sul) e o meridiano médio (que o divide em interior e litoral).

Mas havia uma terceira linha, ligeiramente oblíqua, e que atravessava o rectângulo em diagonal, unindo os pontos que representavam Caminha e Vila Real de Santo António.

— Aqui temos uma nova divisão do país. O nosso Major pode ser líder da região dele por oposição à outra.

E deu uma gargalhada:

— Se considerarmos o país dividido assim, muitos dos indivíduos que se dizem “do Norte” ficam na região Sul; e vice-versa, claro. E vai haver, nas duas povoações extremas (porque a linha divisória passa mesmo no centro delas), desgraçados que ficam de um lado da rua e que serão incitados a odiar os que ficam do outro lado! Para já não referir os casos em que a linha atravessa as próprias casas...

O Major levantara-se, eufórico. Passeava de um lado para o outro e mal se continha.

Depois, recapitulando em surdina os pontos cardeais, os colaterais e os intermédios, abriu a janela das águas furtadas e berrou:

— Viva o Oeste-sudoeste! Abaixo os parasitas do Este-nordeste!

— Cuidado, Loureal! – Comentou, baixinho, o Coronel – Olha que a tua aldeia pode ficar na outra parte...

— Ai é?! – Perguntou o outro, baralhado, e emudecendo por momentos – Então, se for ao contrário... Viva o Este-nordeste! Abaixo os parasitas do Oeste-sudoeste!

Confesso que a conversa não me estava a agradar nada, pois todos os figurões que se entretêm a criar divisões artificiais no país me provocam náuseas. E já temos indivíduos desses com fartura, quase todos a precisar de internamento urgente...

Quando o Major finalmente se foi embora eu, aborrecido, transmiti ao Coronel a minha opinião.

— Não te preocupes, Jeremias! Então julgavas que aquilo tudo era a sério?!

E descansou-me:

— Foi tudo para entreter o rapaz, coitado. Sabes? Ele anda traumatizado... Reformou-se a contragosto, a mulher deixou-o, roubaram-lhe o carro... e agora, ainda por cima, tem aquele problema no pescoço!

Depois, interrompendo-se, ficou a pensar... a pensar... Pareceu-me que, mais uma vez, se tinha esquecido do que estava a dizer. Mas não. Ao vê-lo sorrir, percebi que estava apenas a recordar velhos tempos:

— Muito pontapé no cu eu lhe dei quando ele era puto!

Sorriu, deliciado com essas recordações da juventude, e prosseguiu:

— Portanto o rapaz precisa de alguma coisa que lhe faça bem ao *ego*, que lhe mobilize as energias e o entretenha. Agora vai andar uns dias a pensar nesta coisa de ser líder regional, e depois passa-lhe.

Por fim ainda me referiu:

— Já debes saber que em todo o lado, nomeadamente onde há rapaziada nova, há sempre uns desgraçados que são os bombos da festa, uns palermas que toda a gente goza e que acreditam em tudo. Pois o

Loureal, coitado, sempre foi desses...Acreditava em fantasmas, na caça aos gambuzinos... Muito pontapé no cu ele levava!

E agarrou-se à barriga, a rir, recordando esses tempos.

Depois, acalmado, continuou:

— Quanto ao resto, eu também penso como tu. E, já agora, podíamos arranjar um nome para aquela linha oblíqua, e que é intermédia entre um meridiano e um paralelo.

— Talvez *paraleliano* ou *meridielo*... – sugeri eu, agora rindo também.

— Tenho um nome melhor. Dado que é *quase um meridiano*, e tendo em conta o sítio para onde me apetece mandar todos esses idiotas que se entretêm a dividir o país artificialmente, pensei em chamar-lhe MERDiano...O que achas?

Nota adicional muito importante!!

Temos que ter em conta o drama dos que estão MESMO A MEIO do país,

não sendo do Norte nem do Sul...

não sendo do Interior nem do Litoral...

não sendo do Este-nordeste nem do Oeste-sudoeste...

Lembrei-me, então, da possibilidade de dividir o país por altitudes.

Faríamos da seguinte maneira:

Os montes e as montanhas seriam cortados a uma certa cota.

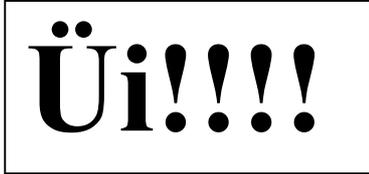
Formavam-se, assim, as regiões do “Acima” e do “Abaixo” e haveria *slogans* do tipo «**Abaixo os do Acima!**» e vice-versa.

O pior é que a região do «Acima» ficaria com o aspecto de ilhas, mais ou menos numerosas conforme a altitude de separação das zonas.

E eu até já estou a imaginar o Major, no cocuruto da Serra da Estrela (agora transformada numa ilha pedregosa...), a berrar às cabrinhas, de dedo em riste:

«Da nossa ilha não sairá nem um tostão para... » (etc., etc. Permitam-me que poupe os leitores a citações tristes)

Não Trema!



-Olha lá, ó Jeremias, tu tens aí uma nota de 50 escudos?

Fiquei mesmo baralhado com essa pergunta do velho Coronel!

Há quantos anos que essas notas não se fazem!

Mas, para não chocar muito o homem, lá fiz de conta que procurava uma.

Abri a carteira, pesquisei nos bolsos todos, e fiz uma cara de desolado quando lhe disse:

— Lamento muito, mas parece que não temos sorte.

A resposta dele arrasou-me:

— É natural. Essas notas já não existem há muitos anos. Julgo até que acabaram antes de tu teres nascido.

Ultimamente, e por vezes, as nossas conversas são assim, *um pouco* disparatadas.

Mas, de uma forma geral, isso só se passa ao princípio, pois há sempre qualquer coisa que as justifica. É questão de perguntar discretamente e, com jeito, levar a conversa bem levada.

Mas, nesse dia, houve uma outra coisa mais estranha...

Não sei se já vos disse que o Coronel usa chapéu. Como, aliás, muita gente da sua idade.

Mas usá-lo em casa é que não é normal, e por isso já estávamos perante dois mistérios:

O raio da nota de 50 escudos e o chapéu (que ele mantinha na cabeça apesar de estarmos na sala de estar)!

Algum tempo depois, ele vira-se para mim, e pergunta-me:

— E uma moeda de 50? Tens?

Comecei mesmo a ficar confuso! Será que ele me estava a pedir dinheiro emprestado e eu não estava a perceber?! Pois devia ser isso! E foi assim que, abrindo de novo o porta-moedas, lhe dei duas moedas de 20 escudos e duas de 5.

Mas ele mostrou-se aborrecido:

— Eu falo chinês?! Perguntei-te se tinhas uma moeda e tu mostras-me quatro?

Cada vez eu percebia menos.

Até que ele me explicou o que se passava:

— Preciso de saber como é que se escrevem palavras como «50». Tenho cá vários dicionários, mas são de épocas diferentes, e cada um diz a sua coisa conforme os acordos ortográficos se vão fazendo!

Então já podia ter dito!

E soletei a palavra CINQUENTA, realçando o facto de *não* se escrever CINCOenta (o que, a princípio, pensei ser a dúvida dele).

— Então e o trema?!

Confesso que, ao vê-lo engripado, quase sem voz e a tremer um pouco com febre, associei a palavra ao verbo tremer.

Santa ignorância a da juventude!

Eu não sabia que um trema é o conjunto de duas pintinhas que se põem em cima das letras, como na palavra Citroën e, dantes, em cima do “U” em palavras como TRANQUILO (1)

A pergunta do Coronel, agora, percebia-se:

É que, se calhar (eu sei lá!) em tempos que já lá vão «50» escrevia-se CINQÜENTA, que seria então a forma usada para, na leitura, se pronunciar como «CINKUENTA» e não como «CINKENTA».

E ele queria tirar as dúvidas vendo como é que estava escrito, por extenso, nas tais notas ou moedas!!

Mas a história toda só se veio a saber quando ele, sem querer e decerto distraído, tirou o chapéu:

Tinha um enorme galo a ornar-lhe o cocuruto! (2)

Ao ver o meu espanto, e não podendo disfarçar (mas também não conseguindo aguentar o segredo por mais tempo), desabafou...

Vim então a saber que ele tinha ido ao novo supermercado da minha prima Ana Crónica para comprar roupa. Mas, como não encontrara o que queria, fora-lhe perguntar.

Só que, estando rouco e quase afónico, explicou, por sinais, que queria qualquer coisa para escrever.

Ora aconteceu que, como vocês sabem, o supermercado da Ana (graças a mim e ao próprio Coronel), modernizou-se muito, ultimamente. Se calhar até demais... pois, no seguimento da ideia que há agora da Sociedade sem Papeis, aquilo agora é só computadores!

E foi assim que, perante os olhos esbugalhados da Ana e dos outros clientes que espreitavam, curiosos, ele escreveu, teclando devagarinho, que *queria umas «qüiecas»*.

Coitado! O que ele procurou o *trema* no teclado até levar com o rato na cabeça!

(1) - Mas, pensando bem, comecei a recordar-me de uma divertida história (passada no início da utilização da Internet) em que uma empresa (cujo nome acabava em qualquer coisa como ...üller), divulgava o seu endereço da *home-page* e os de correio electrónico dos seus funcionários com esse tal *trema* no “U”!!! E, ao fim de muito tempo, ainda um gerente dizia que a Internet não servia para nada pois ninguém lhes escrevia nem visitava a página!!

(2) Pelo que se vai ver há alguma relação entre o galo na cabeça e o galo do cata-vento referido numa das histórias anteriores...

Um Presente com Futuro



-Tenho de estar preparado para a visita do Loureal!

Quem assim falava, sorridente mas ao mesmo tempo preocupado, era o Coronel Reboredo de quem já há muito tempo não dou notícias.

Pois, nessa tarde, fui dar com ele entretido a navegar na Internet, fazendo compras e vendas de acções e grandes movimentos na sua conta bancária!

— Não é que eu tenha muito dinheiro, como sabes... Mas dá-me gozo depositar 500\$, depois transferi-los para a conta a prazo, depois mudá-los para a conta à ordem, depois ir lá levantá-los outra vez.

Enfim, cada um diverte-se como pode, e o meu amigo Coronel divertia-se com as novas delícias do *Home-Banking*.

Mas, já que ele falara no Major Loureal, pedi-lhe para me explicar a estranha frase com que esta crónica começa.

— Aquele parasita é incapaz de dar uma prenda a alguém. Mas aparece sempre cá em casa por esta altura para ver se lhe ofereço alguma coisa... Quando ele era miúdo, o que eu lhe dava era pontapés no cú!

E riu-se, à gargalhada, decerto relembrando as peripécias da juventude.

E prosseguiu:

— O gajo é tão sovina que, quando vai ao supermercado da Ana, e é preciso meter uma moeda no carrinho das compras, mete uma de 50\$ e nunca uma de 100\$!

— Mas então não é a mesma coisa?! – estranhei eu – no fim, quando ele arruma o carrinho, volta a receber a moeda que meteu!

— Pois é, mas ele diz que, como o carrinho pertence ao supermercado, enquanto a moeda está metida nele é como se estivesse a emprestar dinheiro, sem juros, à dona da loja...

Demorei algum tempo até perceber a subtilidade do raciocínio!

E estava eu ainda a pensar, quando o Coronel continuou:

— Mas eu tenho uma boa partida preparada para aquele idiota! Deixa-o aparecer, que já vais ver. A prenda para esse gajo até já está ali ao canto.

E apontou para um embrulho muito bonito que, até aí, me tinha passado despercebido (tal era a barafunda daquelas águas-furtadas onde o Coronel tinha o seu quarto e os computadores).

--oOo--

Bem, meteram-se outras conversas sem interesse aqui para a história, eu sentei-me a folhear umas revistas do Walt Disney, e a tarde estava a escoar-se calmamente se não fosse, de súbito, um repenicar de campainha.

Pensando que fosse a minha prima Ana Crónica de visita preparei-me para sair, discretamente, mas o Coronel travou-me pelo braço.

— Espera aí! Pelo toque é o idiota do Loureal. Falem no Diabo, e é vê-lo a aparecer! Então prepara-te, que te vais rir um bocado.

Espreitou pela janela, confirmou que era o Major, e abriu-lhe a porta puxando uma velha corda (ligada ao trinco através de um complicado sistema de roldanas e alavancas).

— Sobe! Mas deixa as tralhas aí no hall da entrada! – berrou-lhe lá de cima.

— Tralhas?! – perguntei eu, intrigado, e espreitando também.

Mas já não fui a tempo pois o homem já entrara.

De qualquer forma vim a saber que se tratava de equipamento de topografia, nomeadamente: um teodolito, mapas, bússolas, fios-de-prumo e uma enorme régua!

É que, desde que o Coronel lhe falara na hipótese de dividir o país em altitude (por forma a que o Major pudesse ser líder regional da "zona de cima"), que o homem andava embrenhado em mapas e estudos topográficos para aquilatar da extensão da sua região!

Mas, ao fim de muito suar pela escada acima, o bom do Major lá apareceu, assomando à porta do quarto com um largo sorriso.

— Senta-te aí, Loureal! Estávamos mesmo a falar de ti.

— E estavam a dizer bem ou a dizer mal? – Perguntou, sempre sorrindo.

— Olha, lembras-te da última vez que te encontrei? Estavas tu, numa bicha do banco...

— Agora não se diz bicha, diz-se fila – interrompeu o Major.

Mas o Coronel não lhe ligou e retomou a frase:

— Como eu ia dizendo: estavas tu numa enorme bicha do banco quando eu te encontrei e te falei nas vantagens do *Home-Banking*, lembras-te?

— Claro – retorquiu o outro – E lembro-me também que estavas com pressa e te foste embora sem me explicares o que era isso...

— Pois a explicação está aqui, neste embrulho. Toma lá, que é a tua prenda de Natal!

O Major ficou radiante. Ele já sabia que, nessa época, o Coronel lhe dava sempre qualquer coisa. E, desta vez, o embrulho até era bem grande!

— Posso abrir?

— Claro!

Nunca vi ninguém tão feliz! Parecia um garoto e não cabia em si de contente!

É que o bom do Major se viu presenteado com um banquinho desdobrável, para ter em casa sempre que tivesse de ir para as filas do banco.

— Já ficaste agora a saber o que é o *Home-Banking*?

E o outro, com a lágrima ao canto do olho, abraçou, comovido, o companheiro de armas:

— Nem sei como te agradecer, Reboredo! És, de facto, mais do que um pai para mim!

Grande Pagode!



Na impossibilidade de festejar a passagem do ano em casa do meu amigo Coronel (dado que eu iria estar na Makro-Teknika *de serviço ao Bug*), resolvi, pelo menos, fazer-lhe uma visita de cortesia. Assim, quando, na noite de 31, passei à sua porta a caminho da empresa, fui cumprimentá-lo e desejar-lhe «Boas Entradas».

Eu pensava ir dar com ele triste e sozinho. Agora imaginem a minha surpresa ao ver que foi a minha prima Ana Crónica quem me veio abrir a porta!

Cheguei até a pensar que eu estava a mais... Mas parece que não:

— Entra, entra, que és muito bem-vindo! – chamou-me o Coronel, em roupão - Acabou agora mesmo de chegar uma visita inesperada!

Pois quem havia de ser! O Major Loureal, que tivera a mesma ideia que eu. Com a diferença de que se preparava para lá ficar até altas horas da madrugada!

Mas havia ali qualquer coisa muito esquisita: o nosso Major mal me dava atenção pois procurava, nessa altura, um sítio onde pudesse arrumar, sem causar muito transtorno... um enorme par de *skis* e mais um estranho trambolho que eu não percebia muito bem o que era.

Mas rapidamente a Ana me esclareceu:

Desde que se tinha assumido como *Líder Regional do Portugal de Cima*, o Major achava que tinha de estar preparado para enfrentar a neve nas grandes altitudes correspondentes... E ali aparecera ele, de gorro, luvas e botas de neve, com os *skis* ao ombro, o nariz a pingar, e com um *tobogan* a arrastar pelo chão, a reboque de uma corda!

Mas em breve reparei que havia mais qualquer coisa que não estava a correr bem.

É que o maroto do Major, a partir de certa altura (e depois de se ter repimpado no sofá predilecto do Coronel), não parava de, retorcendo o bigode, deitar olhares malandrecos à minha prima! E era bem visível que isso não estava a ser nada do agrado do dono da casa - que já começava a soprar pelo nariz e a tossir com uma tosse nervosa prenunciadora de tempestade...

Vendo o ambiente a ficar assim toldado, e como, além disso, eu tinha mesmo de entrar de serviço na Makro-Teknika (não fosse o *Bug* atacar a máquina do tabaco ou o relógio-de-ponto – o que até veio a acontecer), vim-me embora logo que pude, e até talvez antes do que seria necessário.

--oOo--

E foi por isso que, logo no dia seguinte, voltei lá a casa com um Bolo-Rei debaixo do braço para, dessa vez com tempo e calma, lhe desejar um Bom Ano 2000.

— Os meus computadores passaram todos o *Bug* – informou-me ele, todo contente – e não se perdeu nada da *importante gravação* que eu fiz no mês passado!

Fiquei confuso, mas ele esclareceu-me prontamente:

— É que eu tenho o vídeo avariado, por isso foi a partir da Internet que gravei o essencial da transferência de Macau para a China.

Felicitei-o, mas não atribuí grande significado a isso.

Até que...

Mas já lá vamos.

--oOo--

Ora, como se depreende do que acima contei, eu fiquei um bocado preocupado com o ambiente que, naquela casa, se tinha criado na passagem do Ano com a aparição inoportuna do Major Loureal.

Por isso, e *como quem não quer a coisa*, perguntei ao Coronel se tinha notícias dele.

Para meu grande espanto, em vez de me responder logo, agarrou-se à barriga a rir, a rir, a ponto de ter de se sentar no degrau que separa a sala-de-jantar da sala-de-estar!

E só depois de se recompor é que começou a falar e, mesmo assim, com prolongadas interrupções para algumas gargalhadas que não conseguia reprimir.

— Pois foi, amigo Jeremias... Tu foste-te embora antes das 11 da noite e, *enquanto davam e não davam* as doze badaladas, eu aproveitei para

levar o palerma do Loureal à sala dos computadores e mostrar-lhe o essencial da gravação das cerimónias de Macau.

— Ele não as tinha já visto na televisão?!— estranhei eu.

— Pois não! Por incrível que pareça, aquele idiota tem andado tão entretido a percorrer os seus novos domínios (no cocuruto das montanhas) que nem sabe nada da política portuguesa!

— E nem sequer sabia que Macau já passou para a China?! Não acredito!

— Pois podes crer!

— Mas agora já ficou a saber, não?

O Coronel voltou a sentar-se, desta vez no sofá – pois já lhe doía a barriga de tanto rir – e prosseguiu:

— Duvido muito, porque eu não lhe mostrei tudo! Só o *essencial...* só mesmo o *essencial...*

E vieram, então, os pormenores maquiavélicos:

— Mostrei-lhe só a parte em que o Governador de Macau se despedia das pessoas que lá ficavam. E mostrei, também, a entrada dele para o avião. O resto, já deves estar a adivinhar.

— Não me diga que...

— Exactamente! Convenci o Loureal de que Macau era agora uma Região Administrativa Especial a precisar de um Líder Regional também Especial e que era a sua grande oportunidade!

— E como é que o homem reagiu?!

— Saiu porta fora, a correr, para ir fazer as malas. Ainda ali estão os *skis*, e o *tobogan* que ele deixou ao canto! Mas também não era preciso ter ido a correr porque tinha muito tempo! Sabes? Por causa do *Bug* do Ano 2000, só a partir das 6h da manhã é que voltou a haver aviões!

23

Dá-lhes com Força!



Quando, na semana passada, eu e a Joana (a minha namorada actual) fomos visitar o nosso amigo Coronel, ele demorou uma eternidade a abrir a porta.

Pelos motivos que em tempos já expliquei, recuei alguns metros e olhei para o telhado para ver se o cata-vento estava a andar à roda (pois seria o sinal de que ele estava *na conversa* com a minha prima Ana Crónica e agradecia que não o interrompessem...)

Mas não. O aparelho (que até tinha sido equipado com umas pequenas luzes encarnadas para poder ser visto de noite) estava parado, e não era por corte de energia pois não faltava a electricidade na casa.

De facto, a janela das águas-furtadas irradiava uma brilhante luz, pelo que comecei a ficar preocupado. Teria acontecido alguma coisa ao nosso amigo?!

Sim, porque o valente Coronel já tinha 86 anos e vivia sozinho.

E embora ele, por brincadeira, costumasse dizer «Não me posso aproximar muito dos ímans, porque tenho uma saúde de ferro!», isso não era bem verdade.

Mas vou ter de recuar um pouco na narrativa.

--oOo--

Devem estar lembrados que ele tinha, por marotice, arranjado maneira de enviar para Macau o valente Major Loureal (o tal cavalheiro que tinha a mais em força de vontade o que tinha a menos em inteligência), que queria, por força, ser líder regional num país, como o nosso, sem regiões.

E, como vimos na história anterior, lá foi ele a correr (e a voar!) para o Oriente, aproveitando a saída no nosso Governador e tentando aproveitar-se do que lhe pareceu ser a fabulosa oportunidade de um *vazio de poder*!

Ora o que se passara é que o nosso Coronel nem sequer me ouvira tocar à campainha, pois estava, além de absorto, com uns auscultadores de radiotelegrafista na cabeça!

E foi só quando, a certa altura, os retirou, que se apercebeu das pedrinhas que eu, entretanto, já começara nervosamente a atirar à vidraça!

--oOo--

Abriu-nos a porta, subimos e fomos então dar com ele de roda de um aparelho de radiotelegrafia que tinha adaptado de um brinquedo que em tempos referi (1), e que estava agora a usar para (adivinham!) comunicar com o Major Loureal!

— Por causa da diferença de horas, lá são 5h da madrugada, sabem? – explicou-nos o nosso amigo. Mas eu adoro fazer saltar o Loureal da cama! E ele parece que não se importa...

— E comunicam por rádio e em Morse?! – Estranhei eu.

— Claro! O que é que tu esperavas daquele idiota? Quando lhe falei da Internet como meio ideal para comunicarmos, ele nem percebeu do que é que eu falava! Ainda é mais *trambolhoso da cabeça* do que a maioria dos inforfóbicos que há por aí!

De facto, os inforfóbicos que me fazem a vida negra pelo menos sabem (ou *têm uma vaga ideia...*) do que é a Internet! Não a usam porque são retrógrados ou simplesmente burros, mas isso é outra coisa diferente (e um grau acima) do que se passa com o Major.

E o Coronel prosseguiu:

— Depois, a certa altura, eu perguntei-lhe, na brincadeira, se ele não queria usar o telégrafo! – e deu uma saborosa gargalhada - No que eu me fui meter! Dessa vez o burro fui eu, porque me esqueci que o Loureal tinha sido radiotelegrafista!

Portanto, e como já se percebeu, o garboso militar levava na bagagem para Macau o seu emissor-receptor de estimação, pusera-o a funcionar, e ali estava o resultado!

— Esperem! É o gajo outra vez! O que é que aquele idiota agora quer? Já lhe disse que queria ir dormir!

Um *ti-ta-ti* interrompia a nossa conversa e o Coronel apressava-se a pegar no lápis e no papel para assentar as letras que ia decifrando com muita atenção e alguma dificuldade.

Depois, foi a vez de ele responder o que, apesar de tudo, fez com muito mais desenvoltura do que se pensaria à primeira vista.

Desligou tudo, tirou os auscultadores e comentou:

— Para ele o dia está agora a começar, mas eu acabei de lhe dizer pela quinta vez que não me chateasse pois queria ir dormir. Agora, se ele voltar a comunicar, fica a falar para os morcegos.

E levantou-se, sorridente, para nos dar mais atenção.

— E que novidades é que o Sr. Major mandou? Está satisfeito? – Quis saber a Joana que já estava a par do resto da história – Aquilo agora, com os chineses a mandar, nunca se sabe... Lá até têm a mania da pena de morte!

— Pois é, Mariana – o Coronel dirigia-se à Joana... Nunca acerta com o nome das minhas namoradas! - mas, por estranho que pareça, o Loureal sente-se feliz e muito bem! Parece que meteu na cabeça que havia de criar um **serviço de segurança privada** e acabar com a actividade das tríades, aquelas perigosas seitas.

E, pegando nos últimos apontamentos tomara, comentou, pensativo:

— Mas eu acho que ele se vai meter em grandes sarilhos. De facto, estou preocupado com esta mensagem, que não percebi bem. O problema é do maldito código de Morse...

Não percebemos a estranha frase e ele explicou-se:

— Pelo menos o código de Morse que nós aprendemos no Exército não tem acentos nem cedilhas, o que é natural visto que foi inventado por um americano. E agora vejam lá se não é preocupante o que aqui está.

Peguei nas notas manuscritas do Coronel e interroguei-me, se de facto, não fariam ali falta umas cedilhas:

PARA METER ORDEM AQUI EM MACAU VAI SER
PRECISO USAR MUITA FORÇA! MUITA FORÇA!

Ver a história «Os Três Dioguinhos», capítulo do livro
«Jeremias e as Incríveis Consultas do Dr. Reboredo»

24

A Fitinha



Quando, no último domingo, eu e a Joaquina (a minha nova namorada) passámos por casa do Coronel aconteceu uma coisa muito estranha:

Depois de nos abrir a porta com a tal geringonça de que já vos falei (uma barafunda de roldanas, alavancas e cordas com que só ele se entende), fez-nos nervosamente sinal para subirmos e desapareceu com toda a rapidez, como se estivesse a tratar de alguma coisa muito urgente ou importante!

Notámos, também, e enquanto subíamos, que o telefone estava a tocar.

Porque é que ele não o atenderia?!

De facto, quando chegámos às águas-furtadas onde nos recebeu, reparámos que, ainda por cima, o telefone estava mesmo ao pé dele.

Calara-se entretanto, mas a breve trecho voltava a repenicar.

— Chiu! Estejam quietos e em silêncio! Intimou-nos estranhamente o Coronel.

As nossas atenções centraram-se então todas numa misteriosa caixa de madeira negra, cheia de lâmpadas e transbordante de fios, que estava ao pé do aparelho telefónico. E, para cúmulo dos mistérios, saía dessa coisa uma estranha tira de papel branco que mais parecia uma bicha-solitária!

— O idiota do Loureal continua a não querer usar a Internet para comunicar comigo. – comentou – E o pior é que o emissor-receptor de Morse que ele costumava usar se avariou e parece que em Macau não há peças...

— Então e agora ele telefona?! Deve sair-lhe por uma fortuna! – Foi a reacção da Joaquina, a quem o Coronel começara já a tratar por Joana.

— Sim e não, porque eu não atendo. — Foi a estranha resposta!

O aparelho voltou a dar sinal de si e o nosso amigo, tornando a pedir-nos silêncio, voltou de novo a sua atenção para a misteriosa caixa.

Quando a campainha parou de tocar reparei que a tal fitinha de papel tinha dado um pequeno salto para fora.

E, além do mais, havia qualquer coisa traçada nela!

Mas não prolonguemos o mistério.

Acontecera o seguinte:

O Major Loureal, tendo ido para Macau em busca de um lugar de líder regional, comunicava agora por Morse... usando o telefone, fazendo sucessivas ligações para o Coronel, que tinha o cuidado de não atender!

Quanto ao resto, a coisa era simples:

Se a campainha tocasse duas vezes, era um "ponto"; se tocasse quatro vezes, era um "traço".

Havia ainda códigos para a separação das letras, das palavras e das frases, correspondentes a intervalos de tempo pré-combinados!

— Isto é muito divertido! — comentou o Coronel. - O único defeito é ser um bocadinho lento. Por isso, arranjei este pequeno automatismo que analisa os toques de campainha e os intervalos respectivos. Depois há uma ligação àquele computador através da porta série e um retorno pela porta paralela para imprimir nesta fita que mais parece uma serpentina. Depois é só saber Morse e já está!

Ficámos assombrados!

Tanto mais que, tanto quanto eu sabia, as chamadas telefónicas internacionais feitas a partir de Macau desatam a contar o tempo desde que o aparelho começa a chamar (e não desde que se atende!).

— E o que é que o Major está a dizer?

— Daqui a mais uns toques já vamos saber. Parece que a frase está quase no fim.

Será preciso dizer-vos que o Major começara a enviar a sua mensagem às 20h de Macau. E já deviam ser, também lá, 6h da madrugada!

E a mensagem, pelos vistos, ainda não acabara...

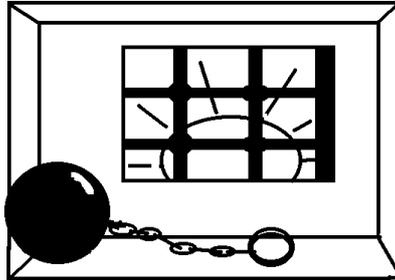
Mas decidimos esperar, visto que, a acreditar no Coronel, estava quase no fim.

E foi com júbilo que ele, arrancando a tirinha de papel da maquina, leu em voz alta, soletrando:

«O-L-H-A... A-M-I-G-O... R-E-B-O-R-E-D-O... J-A... S-A-O... M-A-I-S... D-O-... Q-U-E... H-O-R-A-S... D-E... E-U... I-R... J-A-N-T-A-R»

25

A In-Justiça



Foi com a maior das surpresas que fui dar com o meu amigo Coronel, numa conhecida livraria da Baixa, a folhear livros de Direito!

Mas, quando procurei inteirar-me das razões de tão estranho interesse, não me esclareceu e limitou-se a arrumar os livros na estante e a comentar que eram muito caros...

De facto, vivendo ele de uma pensão que não é muito folgada (e dedicando todo o dinheiro que pode a coisas relacionadas com a informática e a Internet), é natural que pense duas vezes antes de fazer qualquer compra que não seja de primeira necessidade.

Mas palpitava-me que ele me estava a esconder qualquer coisa, pelo que, nessa noite, resolvi visitá-lo para ver se descobria o mistério...

E lá fui eu, com a Felismina (a minha nova namorada).

Como de costume, ele assomou à janela das águas-furtadas mas, dado que era já era noite, fez entrar em acção uma nova engenhoca:

Dois potentes projectores do tempo da Segunda Grande Guerra, usados pela artilharia antiaérea para detectar aviões, enquadraram-nos, encandeando-nos sem piedade! Só faltava começarem a ouvir-se os tiros!

— Ah! São vocês, o Jeremias e a Joaquina! Subam!

Accionou a incrível engenhoca de abrir a porta da rua, e lá fomos nós, escada acima, para a Sala das Grandes Pesquisas – como ele agora chamava ao seu quarto (a avaliar pela novo letreiro colado na porta).

Como de costume, não reparou que eu tinha mudado de namorada. Começou a tratar a Felismina por Joaquina, mas nenhum de nós o corrigiu pois estávamos ansiosos por saber o que é que ele andava a tramar...

Ele parecia muito nervoso e ocupado a consultar qualquer coisa na Internet, pelo que achámos que o melhor seria sentarmo-nos a ler uma das inúmeras revistas de quadrinhos que por ali havia e esperar que ele acalmasse.

Mais cedo ou mais tarde, havíamos de descobrir o mistério da noite. Se é que, de facto, havia algum mistério para descobrir!

Mas devia haver, pois o nosso amigo, de vez em quando, mostrava que tinha dificuldade em perceber qualquer coisa que encontrava no monitor.

Quando isso acontecia, ajeitava os óculos, aproximava o nariz do écran, tomava umas notas num papelinho, levantava-se, e ia até à mesa junto à janela onde começava a folhear febrilmente um enorme cartapácio!

Depois, voltava à sua Internet e não nos ligava nada!

E foi aproveitando um desses momentos de maior concentração do nosso amigo que eu, como-quem-não-quer-a-coisa, me aproximei da mesa para ver que raio de livro era aquele que podia ser tão interessante!

DICIONÁRIO DUPLO LATIM-PORTUGUÊS-LATIM
EDIÇÃO DE 5 DE OUTUBRO DE 1909

«Que estranho!» - pensei eu, estupidamente - «Um livro editado num feriado!» (1)

Em seguida, olhando com mais atenção para o que ele estava a ver no computador, comecei a perceber um pouco mais:

O nosso amigo estudava Latim, Direito, Legislação... coisas dessas!

Muito mais tarde, já cansado, desligou o computador, recostou-se na cadeira e, dando-nos finalmente atenção, perguntou, sorridente:

— Estão os meus amigos então intrigados, não é verdade?

Não esperou pela resposta e prosseguiu, falando especialmente para mim:

— Lembras-te quando eu capturei aquele indivíduo que me veio roubar o farol da mota e que já me tinha assaltado a casa em tempos? (2)

Claro que me lembrava! Fora uma cena inesquecível e até bastante traumática! E, de facto, nunca mais tínhamos falado dessa experiência desagradável.

— E que é feito do homem? Continua preso? – perguntou a Felismina a quem eu rapidamente pus ao corrente do sucedido.

— Pois esse é que é o problema, meus amigos! Vocês sabem como anda a Justiça no nosso país... Processos que prescrevem... Vigaristas à solta... Crimes de colarinho branco que ficam impunes...

Eu não tinha reparado na cor do colarinho do bandido, mas, quanto ao resto, tratava-se de assuntos de que toda a gente falava. E então, pelos vistos, o Joaquim Tira-Tripas andava à solta! Isso era preocupante, especialmente para o Coronel, que fora o responsável pela sua detenção e vivia sozinho, quase indefeso!

— Eu não tenho medo dele! Já preparei a artilharia e tenho treinado o Karaté. Tenho medo é da justiça portuguesa!

E esclareceu:

— Ando aqui a estudar coisas de Direito para me defender em tribunal.

Fiquei abismado!

— Defender? Mas defender de quê?! O senhor é que é o queixoso!!

Mas ele sorriu da minha ingenuidade:

— Nunca fiando... nunca fiando... Ele está em liberdade sob fiança, e o julgamento é amanhã... E ontem fez-se encontrado comigo e disse-me assim: «'Tás tramado, ó careca! Acusaste-me de gatuno, mas eu vou dizer em tribunal que moras numas águas-furtadas!»

E o Coronel concluiu, com ar preocupado e quase falando sozinho:

— E, se calhar, ainda vai falar no tecto falso!

(1) Claro! Pensando bem, não podia ter sido feriado nesse dia!

(2) Ver a história «Ladrão na Rede»

26

O Alicate



-Um alicate, Jeremias! Depressa, descobre-me para aí um alicate!

Foi esta estranha frase que veio a dar origem a mais uma das incríveis aventuras em que o Coronel sistematicamente me envolve!

Mas eu explico:

Como decerto leram na última história, ia decorrer o julgamento do Joaquim Tira-Tripas, a versão rasca do Jack-o-Estripador (1).

E, como também se viu oportunamente, o Joaquim, no seguimento de inúmeros assaltos e malfetorias, tinha sido capturado em casa do Coronel depois de uma rocambolesca operação a que eu assistira (2).

E ali estávamos os três, no pátio do Tribunal, aguardando a hora do julgamento!

Mas acontecia que, devido ao nervoso, o meu amigo Coronel não parava de correr para a casa-de-banho!

E foi numa dessas ocasiões que ele se apercebeu, em pânico, que o fecho éclair das calças estava preso e não abria!

Passou-se então uma cena espantosa.

Dado que eu não tinha possibilidade de o ajudar, comecei, nervoso, a perguntar às pessoas que por ali andavam se alguma delas teria um alicate (ou qualquer coisa semelhante), evitando entrar em pormenores ou dar grandes explicações sobre o embaraçoso assunto.

O resultado, como se imagina, não foi o melhor, pois um alicate não era objecto que as pessoas levassem para um sítio daqueles!

Bem, mas isso só era verdade no que respeitava às pessoas "normais", pois o que aconteceu em seguida foi deveras espantoso:

O nosso bandido, que até aí se tinha mantido calado (encostado a uma parede, limitando-se a lançar-nos olhares fulminantes), aproximou-se do Coronel, deu-lhe uma provocatória palmada nas costas, e atirou-lhe, com uma gargalhada sarcástica:

- Ó careca, queres fazer um negócio? Desiste da queixa contra mim, que eu empresto-te um alicate. Até dois, se tu quiseres...

E foi assim que, em pleno átrio do tribunal, o Joaquim abriu a malinha de executivo que sempre o acompanhava!

Pudemos então ver todo o seu arsenal de trabalho, em que se destacava um pé-de-cabra desdobrável («Comprado numa Loja-dos-300», como ele esclareceu), um jogo de gazuas («Das boas, são alemãs») e mais uma infinidade de acessórios de uso corrente.

O Coronel não perdeu tempo.

Escolheu um alicate e lá correu para a casa-de-banho, pela quinta vez, de onde voltou a breve trecho, aliviado e sorridente!

--oOo--

- Foi uma cedência desnecessária... – comentava ele, no dia seguinte, quando eu e a Magnólia, a minha nova namorada, o visitámos.- Com as prescrições que agora estão na moda ou com a amnistia que há-de vir quando o papa chegar, o malandro acabava sempre por se safar.

- E agora? – perguntei eu, ainda mal recomposto de tudo o que se passara – Se ele o volta a assaltar?

- Já está tudo previsto! – foi a estranha resposta.

E explicou-me:

- O Joaquim, coitado, é um doente e não consegue viver sem roubar. Temos de ser compreensivos e dialogantes, pelo que resolvi ajudá-lo. Esta madrugada ele vai aparecer cá em casa.

- Vem visitá-lo?! De madrugada?! Não é possível! – exclamou a Magnólia.

- Não vem como visita. Vem assaltar-me.

Tivemos de nos sentar!

--oOo--

Vimos então a saber que o Coronel tinha já preparado tudo:

O Joaquim "assaltaria" a garagem e levaria uma caixa com material informático obsoleto que já estava devidamente preparada.

- Vai levar os meus velhos 286, 386 e 486. E, ainda, um modem de 14k. Já lhe configurei o 486 para se ligar à Internet e arranjei-lhe um desses endereços gratuitos de e-mail que agora há para aí...

--oOo--

Aquilo era demais para a minha cabeça! Mas, depois, vim a saber que tudo se passara como previsto.

Só que, ontem, a coisa passou das marcas:

Fomos dar com o Coronel, ligado à Internet, a jogar, em tempo real, com o Joaquim!

- É espantoso! – comentou, entre duas jogadas. – O homem é burro como uma porta e eu ganho-lhe sempre. Excepto o mais intelectual de todos os jogos...

Coçando a careca, comentou:

- Mas, pensando bem, também não admira... Ele passou mais de metade da vida dele... no xadrez...

27

Um *Hacker* à Portuguesa



Nunca pensei que o meu amigo Coronel, aos 86 anos de idade, ainda estivesse disposto a pregar partidas de Carnaval.

Pois na noite da terça-feira de Entrudo, quando eu e a Rosarinho (a minha nova namorada) o resolvemos visitar, esperava-nos uma grande surpresa:

Uma enorme algazarra, vinda da sua janela das águas-furtadas, extravasava para a rua fazendo mesmo parar os transeuntes mais curiosos.

No entanto, e para nossa grande admiração, viemos a saber que aquela autêntica festa era apenas restrita a três pessoas:

O Coronel (evidentemente), a minha prima Ana Crónica (também era de prever...) e ainda - e aqui é que estava o grande espanto - o refinado meliante Joaquim Tira-Tripas!

--oOo--

Quando o nosso amigo assomou à janela para ver quem tocava à campainha, atirou-nos uma serpentina lá de cima e desatou a tocar, numa corneta da tropa, a ordem de "atacar"!

Como, ao mesmo tempo, accionou a incrível geringonça de abrir a porta, concluímos, e bem, que era o sinal para entrarmos...

«Enfim» – pensei eu – «cada um diverte-se como pode, e o importante é que o pessoal esteja feliz!».

E subimos para nos juntarmos à paródia.

--oOo--

As taças de champanhe e os copos de whisky espalhados pelo quarto não eram de estranhar, pois já se adivinhavam. Mas o que nos chamou a

atenção foi o facto de que eles, de um momento para o outro, se acalmaram completamente, ficando sossegados e calados de roda de um computador ligado à Internet!

Para cúmulo, ao aparecer uma determinada página (de que, pelos vistos, andavam à procura), ficaram ainda mais sérios e começaram a observá-la com a máxima atenção...

- Olha, essa dá descargas de 5.000 Volts! – Comentou, com um arrepio, a minha prima apontando para uma imagem no monitor onde era visível uma estranha maquineta.

- Chiça! – exclamou o Joaquim, dando um salto na cadeira. – São todas assim?

- Há piores... – respondeu o Coronel – Já vais ver as de 10.000 Volts!

- E vendem-se nas lojas?! – Quis saber o outro, começando a suar.

- Claro. No meu supermercado têm-se vendido às dúzias! – esclareceu a Ana.

Que raio de coisa estariam eles a ver para que nem sequer nos prestassem atenção?!

Bem... eu e a Rosarinho ali estávamos, sentindo-nos a mais, a olhar para a barafunda em que aquele quarto estava transformado e ao mesmo tempo a tentar perceber o que se estaria a passar de tão interessante!

--oOo--

E só muito mais tarde, quando o Joaquim se foi embora («Está na hora de fazer o meu assalto de Carnaval» - informou ele, levantando-se) é que viemos a saber, pelo Coronel, do que se tratava:

- O grande pirata não tem emenda! Eu bem o quero regenerar mas está a ser muito difícil! Muito difícil! – comentou o nosso amigo, tendo abandonado definitivamente o ar folião e expressando-se num tom de veras preocupado.

--oOo--

Como vimos ultimamente o Coronel até tinha conseguido alguns progressos:

Oferecera ao Joaquim Tira-Tripas um 486 com *modem*, arranjava-lhe uma ligação à Internet e um endereço de correio electrónico, e conseguia, de certa forma, usar as "novas tecnologias" para o entreter e desviar dos "maus caminhos"...

- Mas receio que tenha sido tempo perdido, amigo Jeremias! O maroto, assim que se apanhou com aquela tralha toda, começou logo a pensar no que é que podia fazer de mal!

--oOo--

E não fora difícil descobrir:

Certos meios de comunicação social são especialistas em fazer sobressair o "lado negro da Internet". E não existe crime, perigo, nem malandrice cibernáutica que deixe de ser publicitada nas suas primeiras páginas!

Estando Portugal tão atrasado em relação ao resto do mundo, eu sempre pensei que apregoar de forma tão exagerada os perigos da Internet é o mesmo que explicar a um esfomeado os perigos da indigestão!

Mas adiante.

--oOo--

O certo é que o Joaquim queria, por força, transformar-se num criminoso do ciberespaço e contava aprender essa arte com o Coronel!

Ele nem sabia muito bem como é que se pronunciava a palavra hacker e, a bem dizer, nem fazia ideia do que isso era. Só sabia que se tratava de algo ilegal que se podia fazer com um computador e com a Internet e isso bastava para lhe pôr os olhinhos a brilhar!

--oOo--

- Pois, aproveitando o Carnaval, combinei com a Ana chamá-lo aqui para lhe pregarmos uma mistura de susto e de partida! – Começou, finalmente, o Coronel a explicar – Como viste, estivemos a convencê-lo de que agora é muito perigoso ser-se hacker, e a mostrar-lhe um site que vende daqueles aparelhos eléctricos...

Eu, cada vez percebia menos!

Vendo a minha cara de incompreensão total o Coronel deu uma gargalhada, encheu uma taça de champanhe para cada um de nós, e finalizou:

- Então não viste como ele ficou em pânico ao ver que agora até há electrodomésticos para matar **ácaros**?

28

O nome próprio



-Não, desse não gosto!

- Mas gosto eu!
- Boa! Boa! Pode ser este!
- Nem pensar!

Era uma alteração mais ou menos assim que se ouvia na rua, mesmo com as janelas fechadas, quando eu e a Isabel (a minha nova namorada) nos aproximávamos da casa do Coronel para a habitual visita que lhe costumo fazer. Alguma coisa de estranho se passava, de facto, para que ele e a minha prima Ana Crónica (pois era ela quem alimentava a discussão) fizessem tanto alarido!

Tocámos à campainha e ninguém nos abriu.

Nem sequer o nosso amigo assomou à janela, como era seu hábito, para ver quem era. De facto, com tanta excitação e algazarra, era natural que nem sequer tivessem ouvido o toque.

Recorri, então, ao velho truque de atirar pedrinhas à janela. Nada!

Mas, como eu ia aumentando o tamanho delas e o resultado era sempre o mesmo (ou seja, nenhum!) a certa altura aconteceu o inevitável: um vidro partiu-se!

E foi só nesse momento que o nosso amigo Coronel veio à janela e, muito bem-disposto e como se não tivesse acontecido nada de especial, comentou:

- Ah, são vocês? Porque é que não tocaram à campainha?!

Mas o certo é que não parecia nada preocupado com o vidro partido e lá fomos nós, escada acima até às águas-furtadas, enquanto os ouvíamos a retomar a discussão!

A situação em breve nos foi explicada:

Um tal Joaquim, dono de uma *roulotte* de bifanas e mais conhecido no meio por "Joaquim dos Petiscos", queria abrir um restaurante a sério. Escolhera, para isso, um belo lugar à beira da estrada, seguindo um inteligente critério: Sabendo ele como agora há a mania de criar zonas de "Tolerância Zero" (ou seja, zonas especiais e bem delimitadas onde os automobilistas não podem fazer asneiras) lembrou-se (e muito bem!) que iria haver grande afluência de tráfego nas outras estradas em que mesmo as maiores barbaridades rodoviárias são encaradas com compreensão e diálogo.

Nestas, em que um "crime ao volante" recebe o ingénuo nome de "acidente", o tráfego tem aumentado muito, pelo que o Joaquim escolhera montar numa delas a sucursal da sua *roulotte* das bifanas.

Já estava tudo muito adiantado, e só faltava escolher o nome.

E aí, por estranho que pudesse parecer, é que estava o maior problema! Por mais nomes que ele inventasse, eram todos rejeitados pelos organismos competentes por já existirem ou serem muito parecidos com outros.

Desesperado, pedira ajuda ao nosso amigo Coronel que, recorrendo à Internet, tentava agora descobrir se os nomes que lhes vinham à cabeça (a ele e à minha prima, que resolvera ajudar) estavam disponíveis.

"A Delícia do Camionista", "O Paraíso da Estrada", "O Descanso do Volante", etc. etc. eram tudo nomes que ele ia testando e que, quase sempre, provocavam discussão com a sua serôdia namorada.

Depois de muita argumentação e contra-argumentação, ou os abandonavam ou os anotavam para posterior selecção. Como de costume, o Coronel não se apercebeu de que eu mudara de namorada e dirigiu-se à Isabel tratando-a por Rosarinho. Não o corrigimos, e os dois velhotes voltaram para o computador, ignorando-nos e não nos dando mais atenção.

Porém, a certa altura, pararam.

- Bingo! Esse é que está mesmo bom! - bradou o Coronel, dando uma enorme palmada de satisfação na mesa, fazendo saltar o rato do computador.

- Pois eu não gosto. Acho-o grosseiro. - retorquiu a Ana, torcendo o nariz.

E, como dois velhos rabugentos, recomeçaram a discutir.

A certa altura, já fartos, eu e a Isabel levantámo-nos e procurámos conciliá-los.

Mas, primeiro, tivemos de perceber bem o que se estava a passar...

Explicou-me, então, a minha prima:

- Eu até acho que, sendo um restaurante para camionistas, o nome não está mal escolhido. E, quem o vê escrito, até acha bem. Mas parece-me que, ao pronunciar, o nome é muito grosseiro. Francamente! Alguém pode achar bem um restaurante chamado «A Rota»?!

29

O Pré-Presidente



O meu amigo Coronel arranja-me cada uma!...

Vejam lá que me telefonou para o emprego para ver se eu podia dar uma escapadela!

Pedia-me, nem mais nem menos, que o conduzisse, na sua velha moto (com *side-car*, como sabem) para ir buscar ao Aeroporto o Major Loureal!

--oOo--

- Então o nosso homem fartou-se de Macau?! - perguntei eu, cheio de curiosidade, enquanto empurrava a maquina para fora da garagem e a punha a trabalhar.

-Se assim tivesse acontecido, não era de estranhar:

-O pobre visionário, ansiando por chegar a Líder Regional, fora para o Oriente em busca de espaço político onde pudesse dar largas aos seus instintos de Grande Chefe incontestado.

Mas, pelos vistos, alguma coisa falhara, e ele voltava agora para a sua terra natal, algures na Serra da Estrela, mas não sem antes passar algum tempo em casa do seu velho camarada de armas.

--oOo--

- Coitado! - comentou o Coronel, falando alto para se fazer ouvir devido ao ruído da moto - Deve ter tido muitas frustrações, mas parece que a pior de todas foi não ter conseguido introduzir lá a pena de morte...

- Os chineses não concordaram com ele? - perguntei eu, rindo - Até admira!

- Não sei pormenores. Só sei que os únicos apoios que teve vieram de uma tal Associação dos Suicidas Falhados, que dá apoio aos que tentam suicidar-se, falham a coisa, e depois têm problemas com a justiça.

Como é evidente a conversa não pode prosseguir pelo caminho, e em breve chegávamos ao Aeroporto onde o Grande Major já estava à nossa espera, sorridente, fazendo-nos sinal com o enorme guarda-chuva, e tendo apenas como bagagem de mão um pequeno saco de plástico de um supermercado de Hong-Kong.

Enfiou-se pelo buraco do *side-car*, mal nos cumprimentando, e voltámos para casa do Coronel a toda a velocidade. Iríamos, com calma e sossego, pôr a nossa conversa em dia...

--oOo--

Vimos então a saber que o nosso amigo Loureal pretendia agora, nem mais nem menos, do que candidatar-se a Presidente da República Portuguesa!

E, para começar, queria dar uma grande conferência de imprensa em casa do Coronel:

«Vou anunciar ao país que estou disponível para ser candidato da ultra-super-extrema-direita»!

O pior foi que, além de mim e do dono da casa, as únicas pessoas que apareceram (e mais motivadas pelos croquetes do que pela conferência em si mesma) foram a Laurinda (a minha nova namorada) e a minha prima Ana Crónica.

Mas o Grande Homem não desanimou, e nesse mesmo dia («Antes que os salgadinhos fiquem duros» - explicou) convocou uma nova conferência de imprensa para a manhã do dia seguinte:

«Vou avisar o país que NÃO sou candidato. Depois não me venham pedir».

Mas o certo é que não correu melhor do que na véspera. E, na verdade, até ficámos com pena do homem quando ele, descorçoado, se deixou cair pesadamente no sofá favorito do Coronel.

Mas, de súbito e sem uma palavra, levantou-se como uma mola.

Ficou muito hirto e pareceu ficar a pensar, olhando com olhos inexpressivos para a mesa posta.

Então, num movimento brusco e imprevisível, atirou-se aos rissóis e aos croquetes, pronunciando apenas uma frase, com a boca cheia:

«Já não se perde tudo!»

Ficámos apenas a observá-lo. Coitado! Decerto estaria farto de comida chinesa...

--oOo--

Ao fim de algum tempo - não muito... - e tendo procedido a uma razia completa, voltou a sentar-se, agora empanturrado.

Então, com uma taça de champanhe na mão e a garrafa na outra, inquiriu, em voz pausada e grossa, mas de facto mais abatido do que zangado:

- Ó Reboredo! Então tu fazes-me vir de tão longe e afinal não tenho hipóteses nenhuma de chegar a Presidente da República?!

- Eu?! - espantou-se o outro - O teu regresso dá-nos muito prazer, mas em que é que eu sou responsável por isso?!

--oOo--

Estávamos, portanto, a ser confrontados com algum grande mal-entendido que urgia esclarecer!

E isso demorou algum tempo...

--oOo--

Tudo tivera origem numa sequência de acontecimentos de que em tempos já falámos.

Pretendendo manter-se em contacto com Portugal, mas recusando-se a usar a Internet, o Grande Homem recorrera, lá de longe, aos meios mais incríveis: emissores de ondas curtas, médias e longas, telegramas, telégrafos do século passado, e até estranhos sinais de Morse obtidos através do toque codificado do telefone.

De vez em quando, claro, também escrevia cartas e postais, tarefa a que procedia com um insuspeitado requinte que vale a pena referir.

Dado ser pessoa extremamente conservadora, usava uma velha caneta de aparo de molhar! E, ultimamente, até andava muito feliz por ter encontrado, num antiquário de Cantão, uma autêntica pena de pato!

O Coronel, divertido, entrava no jogo e - sempre que possível - respondia-lhe usando técnicas não menos vetustas.

Ora acontecera que, numa das últimas trocas de mensagens (que intercalara postais e comunicações de rádio), se abordara (com grande dificuldade devido às interferências), o problema dos candidatos a candidatos para a Presidência da República.

E, depois de recordar todas essas peripécias com grande galhofa, o nosso Coronel (enquanto comia um pastel de bacalhau que rebolara para o chão - o único que se salvara) rematou, com uma sonora gargalhada:

- Pois é, Loureal, pois é... Eu nunca disse que tu eras elegível! Eu referia-me aos teus postais e à tua horrível letra quando dizia que eras **ilegível!**

30

A Biotecnologia



-Preciso da sua ajuda, Jeremias, porque isto da Páscoa é sempre uma chatice!

Foi com esta espantosa frase que a Dra. Anemófila, um dia destes, me surpreendeu com um telefonema para o emprego!

Eu tenho andado um bocado afastado da Internet nas Escolas (por motivos que não são para aqui chamados), por isso ainda mais admirado fiquei quando me apercebi que a simpática professora me chamava em seu socorro.

Agora imaginem a cara com que eu fiquei quando, ao tentar esclarecer o que se passava, ela se saiu com esta:

Veja lá, que com esta história do coelho e dos ovos da Páscoa, há miúdos na Escola que julgam que os coelhos se reproduzem por ovos!

Dei uma gargalhada. Mas a coisa não ficou por ali:

- E há pior! Com esta história do cabrito pascal, imagine que há também os que acham que os cabritos...

Não era preciso dizer mais!

Ora eu não me devia ter rido, porque, de facto, «a ignorância da juventude é um ESPANTO!».

Fiquei de procurar uma solução e, nessa mesma noite, acompanhado pela Tonita (a minha nova namorada) fui até à casa do Coronel para, em conjunto e com calma, prepararmos uma intervenção didáctica.

E, para isso, nada melhor do que a Internet - pensava eu...

- Qual Internet, qual o quê! O que os miúdos precisam é de uma verdadeira aula de biotecnologia!

Quem assim falava era - nem mais! - a minha prima Ana, que agora está sempre metida lá em casa do Coronel.

E ainda bem pois, como veremos, foi ela quem salvou a situação:

- Telefona lá à senhora e diz-lhe que amanhã pegamos nos putos e os levamos à quinta da minha cunhada, que é aqui perto.

E foi assim que, depois de resolvidos os problemas logísticos, eu me vi rodeado de maravilhosa juventude num autocarro alugado para o efeito e a caminho da Malveira!

Esperava-nos a cunhada da minha prima, muito feliz por ter visitas e por poder ser útil.

E nem ela sabia quanto era importante a sua ajuda!

No meio da animação e da algazarra que se imagina, toda a quinta foi passada a pente fino e, ainda antes do infalível pic-nic, já o pessoal tinha aprendido mais sobre a Mãe-Natureza do que em toda a sua vida até ali!

Mas a maior surpresa de todas ainda estava à nossa espera, e tinha sido preparada em grande segredo pelo Coronel e pela dona da casa:

Chegados ao pé da capoeira, ele chamou-nos a todos batendo as palmas e anunciou:

- Vamos lá a ver, rapaziada! Quem ainda não sabe o valor aproximado do "pi" vai ficar a saber! Prestem atenção!

E, pegando numa mão-cheia de milho e abrindo a porta de rede, desatou a chamar:

- Pi-pi-pi...

E, para nosso máximo espanto (claro que a cena tinha sido preparada, mas mesmo assim!!...) apareceram 3 gordas galinhas seguidas de 14 pintainhos!

De facto, aquela malta nunca mais se vai esquecer do 3,14!!

Tanto mais que, ali mesmo ao lado, o facalhão da cozinha lembrava a vírgula que faltava!

--oOo--

A história até podia acabar aqui, que já era engraçada.

Mas, como por vezes acontece, ainda houve um post-scriptum:

Foi assim:

Quando a Dra. Anemófila, encantada com o que acabara de ver, comentou «Fantástico! Amanhã tenho que trazer cá a outra turma!!» foi um autêntico balde de água fria a resposta da cunhada da Ana:

- Não, já não vai dar... Hoje é o dia de anos do meu Zé e o jantar é cabidela.

FIM
(provisório...)